



**SALA DE RECURSOS**

**REVISTA**

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília, vol 5, n.1, janeiro-julho de 2024.

Disponível em <<https://saladerecursos.com.br/>>

# AUTISMO

**Perspectivas e Inclusão Escolar**



Um produto do  
Ecossistema Inclusão



# PARCEIROS

**NESME MUSIC**



*Centro Musical*

 (61)98189-1341

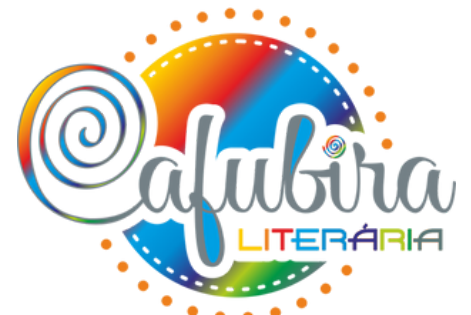
APLICATIVOS  
**green** SOS



[www.tudaq.com](http://www.tudaq.com)



*Aqui cabemos todos*



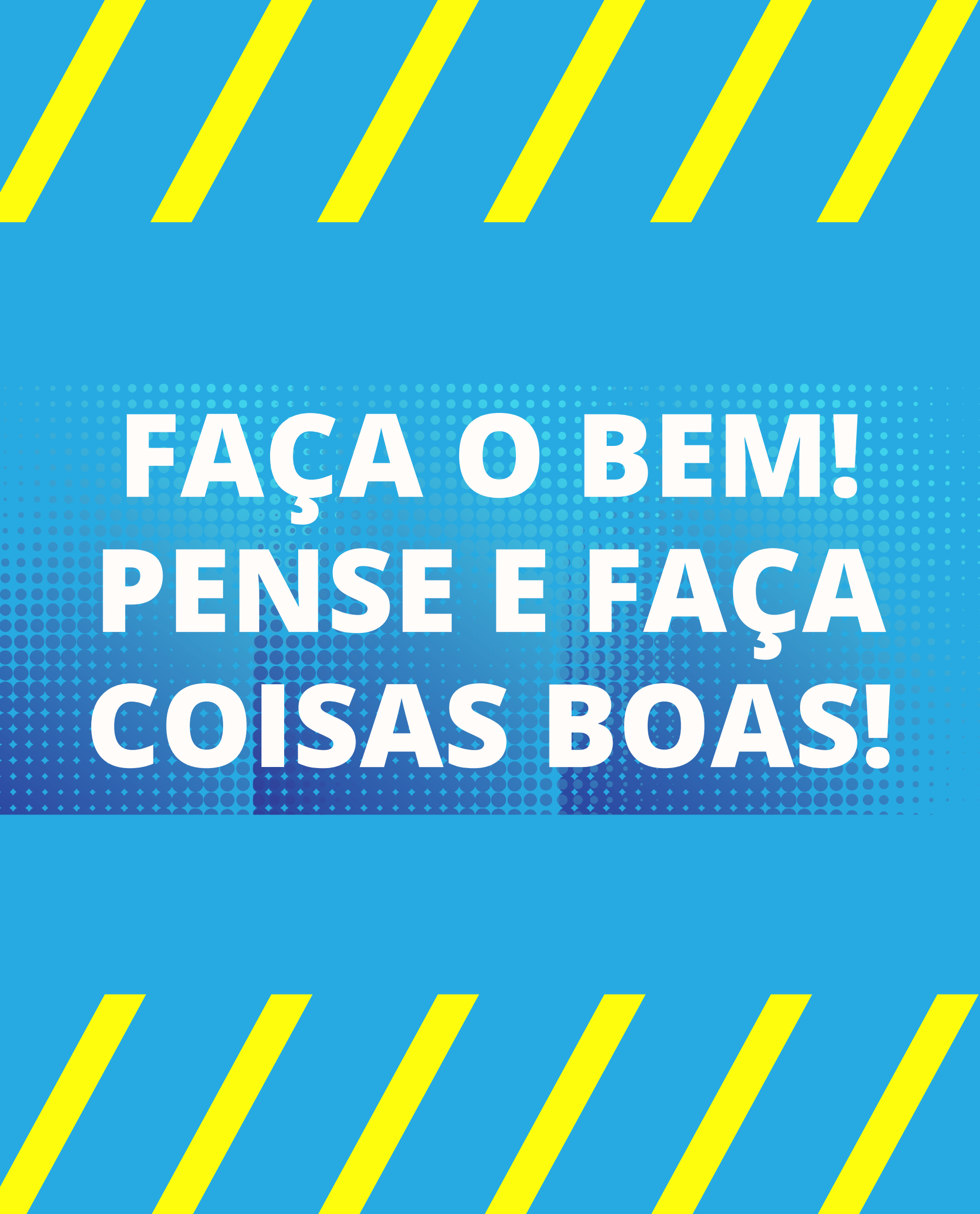
[ead.cafubiraliteraria.com.br](http://ead.cafubiraliteraria.com.br)



**Equipe Althas**

Altas Habilidades ou Superdotação,  
TEA, Transtornos, Deficiências,  
Dificuldades de Aprendizagem





**FAÇA O BEM!  
PENSE E FAÇA  
COISAS BOAS!**



# ECOSSISTEMA INCLUSÃO



IBGE: Brasil tem 17.2 milhões de pessoas com alguma deficiência.

## MISSÃO

Dar visibilidade aos estudos e às pesquisas desenvolvidas nas salas de recursos do Distrito Federal e demais unidades da federação.

## OBJETIVO

Nosso objetivo é contribuir com a publicação de artigos, entrevistas e relatos de experiências vinculadas ao processo de inclusão escolar, bem como produzir recursos pedagógicos adaptados, seja na modalidade complementar, seja na modalidade suplementar.

## PRINCÍPIOS

Equidade, Igualdade, Respeito e Compromisso Ético.

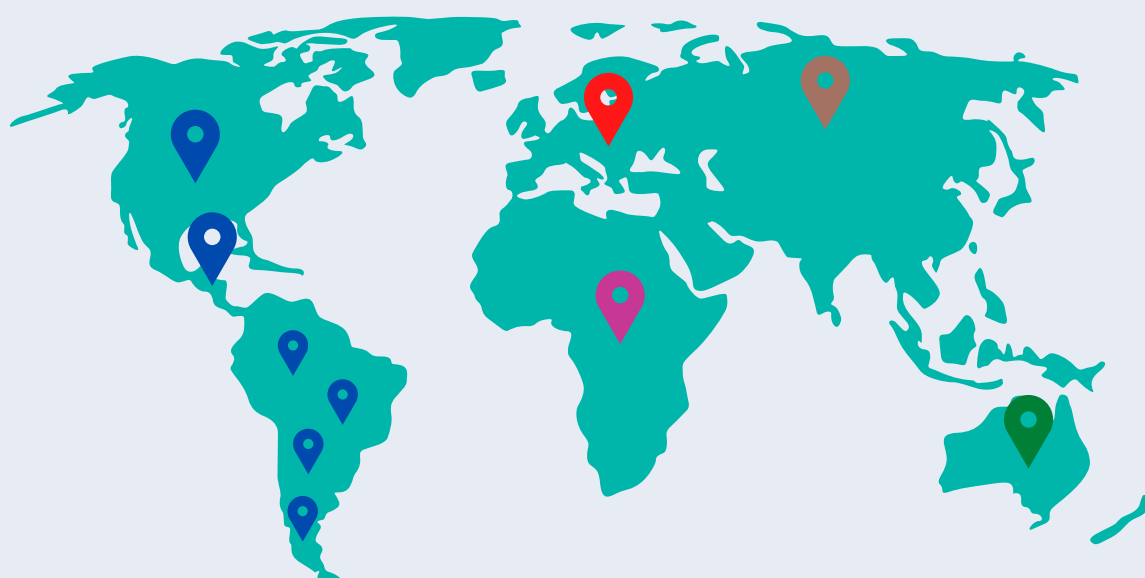
## PÚBLICO ALVO

Professores, gestores escolares, coordenadores escolares, pesquisadores, famílias, entusiastas do tema inclusão.

## NOSSO ALCANCE

[WWW.SALADERECURSOS.COM.BR](http://WWW.SALADERECURSOS.COM.BR)

Google Analytics: 22/06/2023



|                                |                           |                         |                       |                         |
|--------------------------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------|-------------------------|
| AMÉRICAS - 150.611<br>(98,45%) | EUROPA - 1.211<br>(0,79%) | ÁFRICA - 669<br>(0,44%) | ÁSIA - 415<br>(0,27%) | OCEANIA - 76<br>(0,06%) |
|--------------------------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------|-------------------------|

## LOCALIDADES BRASILEIRAS

São Paulo - Distrito Federal  
Minas Gerais - Rio de Janeiro  
Paraná



# NOSSOS NÚMEROS



**1054**  
**seguidores**

Meta: Alcançar 1200 seguidores em 2024  
Caminho: ampliar a divulgação, lives formativas, compartilhar em grupos de mídia social nosso trabalho.



**300**  
**mil acessos**

Google Analytics

APLICATIVOS  
green

**8000**  
**downloads**

Google Analytics

10 Aplicativos em fase de distribuição:  
Português - Matemática - Inglês



centopeia

**4**  
**cadernos**

Atividades adaptadas em fase de distribuição: Português - Matemática  
Ciências

**3**  
**e-books**

E-Books : Teoria e Prática em fase de distribuição.  
Deficiência Intelectual -  
Altas Habilidades e  
Superdotação e  
Síndrome de Down



Recursos



leia



O Ecosystema Inclusão tem como compromisso desenvolver pessoas, especialmente aquelas que apresentam dificuldades de aprendizagem ou que possuem altas habilidades ou superdotação. Além disso, busca promover ações afirmativas progressivas em direitos humanos, sobretudo os postulados pela CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E PROTOCOLO FACULTATIVO À CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA – conhecida como Convenção de Nova York sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Em nosso portal de serviços, <https://saladerecursos.com.br/>, oferecemos ao público interessado no assunto publicações sólidas, aplicativos e recursos pedagógicos destinados a superar obstáculos, remover barreiras e mitigar dificuldades. Além disso, para pessoas com altas habilidades ou superdotação, disponibilizamos atividades e materiais suplementares.

A gestão estratégica do Ecosystema Inclusão envolve a análise do ambiente externo e das políticas governamentais, a fim de identificar oportunidades e ameaças ao processo de inclusão, bem como o manejo dos recursos internos para implementação e distribuição dos produtos e serviços produzidos pela nossa equipe. Contamos com um time de especialistas em áreas estratégicas, como surdocegueira, altas habilidades e superdotação, transtornos da aprendizagem, deficiência intelectual, espectro autista, orientação educacional, design, publicidade, entre outros.

A curto prazo, temos o propósito de ampliar nosso portfólio de serviços, produtos e aplicativos, além de implementar ações para alcançar nossas metas. Isso depende da capacidade de gerenciar nossos recursos humanos, que contam com doutores, mestres e especialistas em educação especial. Ajude-nos a manter o Ecosystema Inclusão! Participe! Seja um voluntário em nossa equipe! Apoie o projeto nas redes sociais e envie suas dúvidas e sugestões!"



Conectada  
Interativa  
Inclusiva



**Acesse as nossas edições**

**[saladerecursos.com.br](http://saladerecursos.com.br)**



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília. V.4, n.1, janeiro - junho, 2023  
Disponível em: < [www.saladerecursos.com.br](http://www.saladerecursos.com.br) >



## Editores Científicos:

Fatima Ali Abdalah Abdel Cader-Nascimento, SEEDF.  
Doutora em Educação Especial pela UFSCar, São Paulo, 2004.  
<http://lattes.cnpq.br/9235531902125074>

Linair Moura Barros Martins  
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (2015)  
<http://lattes.cnpq.br/1085963533942293>

Bárbara Pereira Alencar da Rocha, SEEDF.  
Doutoranda no Departamento de Literatura/PósLit - Instituto de Letras da UnB.  
<http://lattes.cnpq.br/1593472119491222>

Eurípedes Rodrigues da Neves, SEEDF.  
Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2017.  
[http://lattes.cnpq.br/2341940544410287\\_](http://lattes.cnpq.br/2341940544410287_)

Sebastiana Geny dos Santos Amorim, SEEDF. ( in memoriam )  
Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Sul de Santa Catarina – UNISUL - Tubarão/SC, 2010  
<http://lattes.cnpq.br/4585797897744073>

## Editor de Normalização:

Eurípedes Rodrigues da Neves, SEEDF.  
Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2017.  
<http://lattes.cnpq.br/2341940544410287>

## Editores Executivos:

Luciana Reis Pereira, SEEDF.  
Especialista em Educação inclusiva pela Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2009.  
<http://lattes.cnpq.br/0237993615916519>

Rachel Rabelo, SEEDF.  
Especialista em Informática na Educação pela Universidade de Brasília, Brasília, 1999.  
<http://lattes.cnpq.br/4085446577208699>



## Comitê Editorial:

Edilene Francisco de Carvalho, SEEDF.

Mestra em Educação pela Universidade de Brasília, UnB, 2024.

<http://lattes.cnpq.br/9550173440850528>

Eliane Maria dos Santos Lima, S.E. Pombos - PE.

Mestranda em Ciências da Educação/Universidade Grendal, Estados Unidos da América, Flórida, 2021.

<http://lattes.cnpq.br/4203912721231225>

Liliane Arantes Theodoro Nesme

Especialista em Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília.

<http://lattes.cnpq.br/8864023651033834>

Socorro Santos, SEEDF.

Especialização em Desenvolvimento Humano: coach Febracis, 2020

## Editores Assistentes:

Ray Oliveira, SEEDF.

Especialista em Educação Inclusiva e Desenvolvimento Humano pela Universidade de Brasília, 2008

<http://lattes.cnpq.br/9522638162652715>

Maria Paula da Silva, S.E. Pernambuco.

Pedagogia pela UFRPE e Especialista em Práticas de Educação Inclusiva.

## Equipe de Apoio:

Revisão Gramatical: Márcia Andelo

Jornalista e Consultor: William Weber MTB – RJ 12.674 ( in memoriam )

Audiovisual: Lunna Sampaio

Design e Marketing: Aline Cardoso Weber e Lunna Sampaio

Relações Institucionais: Ray Oliveira

Libras: Alyne Oliveira, Cristiane de Araújo e Jamilly Santana

Diagramação: Willians Celestino

leia



Caros leitores,

Era dia 02 de abril de 2024 e como sempre nossa aluna do 6º Ano, aparece na hora do intervalo, na porta da Sala de Recursos. Geralmente sorridente e falante diz q está feliz pq é um dia especial e por isso escreveu um texto que carregava numa folha em sua mão. Quando lemos, reconhecemos ali autonomia, auto-reconhecimento e amor próprio. Por isso é uma sensação de que frutos vão sendo colhidos durante o processo de um trabalho diário, que vai além do pedagógico. Principalmente, quando há a parceria com a família, colhe-se tbm dignidade, humanidade e visibilidade!

Então assim diz Ana Clara, neste editorial:

*"Hoje é o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, uma data comemorativa muito importante! É um dia especial para nós, que vivemos o Autismo, e eu estou muito feliz. Eu sou Ana Clara, tenho 13 anos, e nasci com Autismo e um distúrbio mental. Hoje, sinto uma alegria grande no coração, porque a gente ama a nossa deficiência. Nós somos diferentes, mas somos únicos e importantes. A gente 'merece' respeito, carinho e compreensão. É maravilhoso que haja um dia para lembrar as pessoas sobre o que é o Autismo, para que todos possam nos entender melhor. Hoje, eu agradeço ao Senhor, porque este é o nosso dia especial, o Dia de Conscientização do Autismo!"*

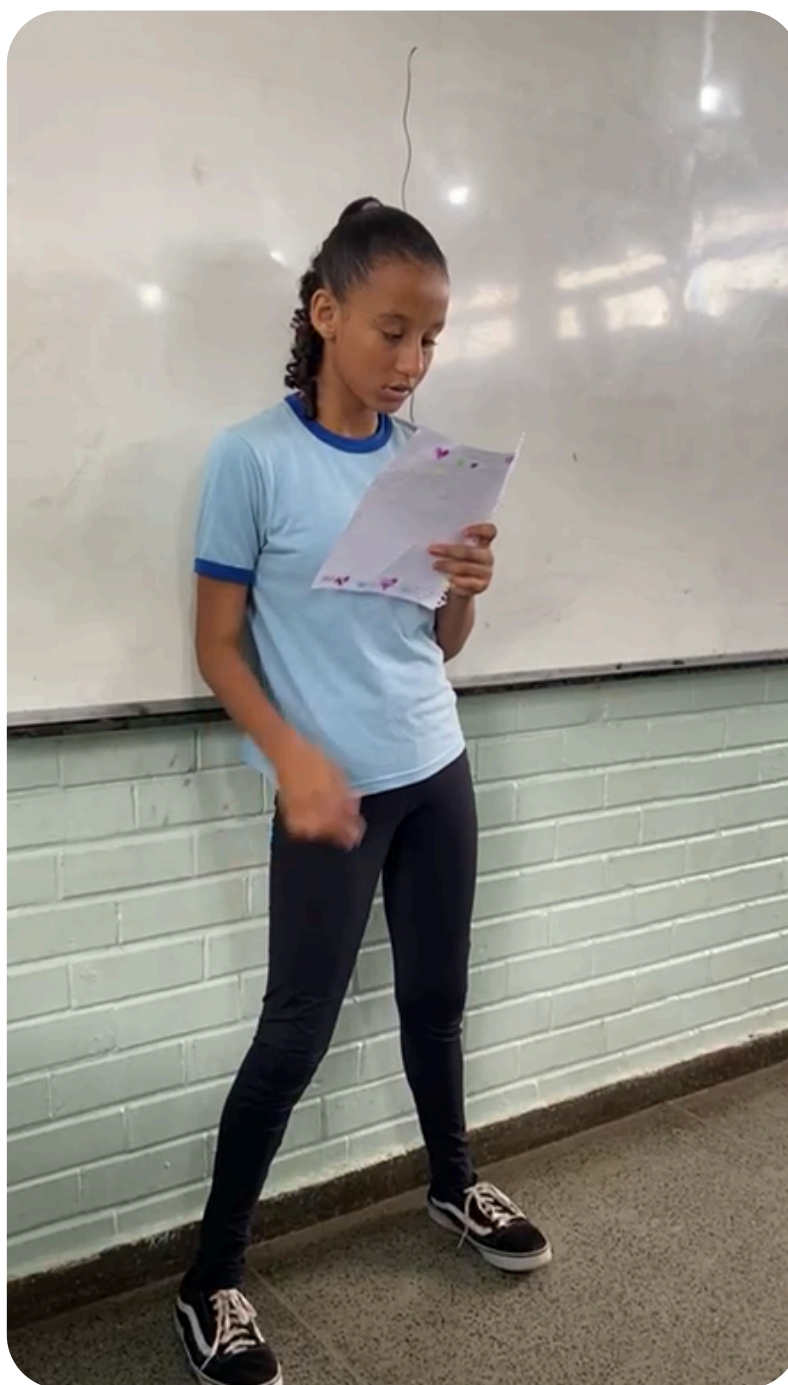
*Para mim, ser autista é ter um jeito único de ver e sentir o mundo. Às vezes, é um pouco difícil entender as pessoas ou lidar com certos sons e luzes, mas isso faz parte de quem eu sou. Eu acredito que, com mais respeito e paciência, todo mundo pode aprender a conviver melhor com as diferenças. A conscientização é importante para que todos saibam que o Autismo não é algo triste ou errado, é só um modo especial de ser! Hoje, eu celebro o meu jeito de ser e espero que cada vez mais pessoas possam ver o valor e a beleza que existe no Autismo."*

É perceptível quando estudantes que ingressam no Ensino fundamental II, nutridos da mentalidade de que são pessoas com necessidades educacionais específicas e além disso, juntamente com a família é dialogado sua condição de pessoa com deficiência ou TEA, melhores condições de aprendizagem são estabelecidas. O caminho se abre ainda mais, para aqueles estudantes que são encorajados a fortalecer sua identidade, pois a socialização é facilitada e a tão desejada inclusão "contamina" os colegas, os professores, a gestão, os servidores da cantina e da limpeza, os espaços e as pessoas da escola.

Um texto feliz como da Ana Clara merece ser lido com esperança, merece reconhecimento aos DIs e TEAs que todos os dias estão na escola desejosos por visibilidade, merece reconhecimento os professores que enxergam esses alunos; merece reconhecimento as famílias letradas quanto a direitos e especificidades dos diagnósticos de seus filhos. Reconhecemos que Ana Clara em sua profunda identidade ainda é exceção, mas acreditamos na caminhada de que a escola e o aprender é de todos e para todos.

Atenciosamente,

Ana Clara, Fabiana Assis e Olga Motta



Ana Clara





# Entrevista

Inspiração, dedicação e trabalho, uma vida de luta!!

Berenice Piana



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 5, n. 1, jan. - jun., 2024.

Disponível em: <[www.saladerecursos.com.br](http://www.saladerecursos.com.br)>

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 5, n. 1, jan. - jun., 2024.

Disponível em: <[www.saladerecursos.com.br](http://www.saladerecursos.com.br)>



leia



INSPIRAÇÃO, DEDICAÇÃO E TRABALHO, UMA VIDA DE LUTA!!

BERENICE PIANA

## 1. Berenice Piana

Berenice Piana é mãe de um jovem com Transtorno do Espectro Autista (TEA), conhecida por sua intensa luta pelos direitos das pessoas nessa condição. Ela desempenhou um papel crucial na criação da Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012), que estabelece a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, marcando um avanço significativo em direitos e inclusão para essa população no Brasil. Sua trajetória foi motivada pela busca de um tratamento e condições dignas para seu filho, levando-a a sensibilizar o poder público e a sociedade sobre a importância do diagnóstico precoce, da inclusão educacional, do acesso a tratamentos especializados e da proteção social e trabalhista para pessoas com autismo. A atuação de Berenice fez dela uma referência na defesa dos direitos das pessoas com TEA e uma inspiração para muitas famílias e profissionais na área da saúde e educação.

*“Ele foi para a escola regular, ele fugiu da escola, pulou o muro, pequenininho, com quatro anos, e ficou desaparecido uma tarde inteira. Quando foi encontrado, foi expulso da escola. A minha revolta foi muito grande pelo descaso. Porque ninguém acreditou em tudo que eu falava que ele era capaz de fazer. Eu explicava direitinho as dificuldades dele, sempre expliquei. E era uma escola pequena. Então, nesse momento, eu falei assim... Tem que existir alguma coisa para eles”*

*Berenice Piana*

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Em primeiro lugar, nós queremos parabenizá-la por seu trabalho, por sua dedicação, que tem um reconhecimento nacional, por causa da sua importância na promoção do direito da pessoa com autismo. Então, nós queremos parabenizá-la e, ao mesmo tempo, agradecer por ter reservado esse tempo para falar com a nossa revista.

**Berenice Piana:**

Eu que agradeço. Eu não esperava tudo isso. Realmente, quando fazemos o trabalho, a gente pensa no resultado, mas não nesse reconhecimento nacional. Mas, ainda assim, eu agradeço muito e me sinto muito honrada com tudo que você falou e com o papel de vocês, também, nessa luta de levar conhecimento, de divulgar a causa, divulgar essa luta.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

É impossível esquecer que você é mãe e, como muitas mães, a gente lembra da mãe de Temple Grandin,<sup>1</sup> que foi uma lutadora na década de 1940, e esse papel de mãe é muito importante e, também, representativo nessa luta. Mas, sabemos que você não fala muito do seu filho nas suas entrevistas, e esse não é o ponto, mas gostaria de saber o que mudou na sua vida familiar e na vida do seu filho, com a Lei Berenice Piana.

**Berenice Piana:**

Primeiramente, eu não falo muito porque, se não me perguntam, fico em silêncio. As pessoas perguntam mais sobre a Lei, sobre a luta, quase não perguntam sobre ele, mas meu filho é encantador, não tem como não se apaixonar por ele. Se perguntarem, eu falo sem problemas. Não tenho nenhuma dificuldade em falar sobre meu filho; aliás, é um orgulho enorme. Qualquer um que me vê falando sobre ele percebe que me emociono, porque o amor é tão grande que chega a doer. Sempre digo que o amor de uma mãe pelo filho transparece não apenas no olhar, mas também na voz e em tudo que ela faz. Meu filho, Dayan, quando comecei a luta pela lei, já estava bem melhor. Isso me permitiu fazer várias viagens a Brasília, que foram muitas. Se ele não estivesse bem, eu não teria conseguido viajar. Dayan tem um pai maravilhoso que ajudou muito, e eu tenho três filhos com o meu marido, que sempre esteve presente e cuidou deles com total dedicação. Nós o chamamos de 'eminência parda', aquela pessoa que ajuda e contribui nos bastidores, sem aparecer. Graças ao tratamento e ao suporte da família, o Dayan alcançou uma melhora significativa, o que me deu a liberdade de lutar pela lei. Embora ele tenha sido beneficiado com a legislação, minha luta foi, em grande parte, por gratidão pela sua recuperação. Eu sabia que muitas mães não tinham o que eu tive: uma família harmoniosa e o apoio financeiro do meu pai e do meu sogro, que ajudaram muito com os custos do tratamento. Minha luta era também por essas

---

<sup>1</sup>Temple Grandin é autista, Ph.D. em Zootecnia, professora de ciência animal na Colorado State University. Sua mãe foi grande estimuladora do seu desenvolvimento.

mães, que sofriam sem o suporte que eu tive. Muitas estavam sem o apoio do marido. Hoje, meu filho participa do projeto Clínica Escola do Autista, é um autista de nível 3, não verbal, e é muito querido por todos lá. Ele faz várias atividades e, hoje, aos 30 anos, sou profundamente grata por tudo que conquistamos juntos. Ele é beneficiado pela lei, que garante seus direitos, como prioridade em filas e uma carteirinha especial. Às vezes, quando alguém questiona os direitos dele, eu digo: 'Existe uma lei que garante isso, e, por acaso, fui eu que ajudei a fazer.' Isso é algo que me deixa muito feliz e realizada.

#### **SR: Sala de Recursos Revista:**

Você falou das Clínicas Escolas. Percebemos o crescimento de muitas iniciativas no Brasil, no modelo que você criou em Itaboraí. Como nasceu essa ideia? Eu sei que você foi uma mulher que levou o seu filho para o Rio de Janeiro para ter os atendimentos, mas como nasce a ideia de ter essa Clínica Escola?

#### **Berenice Piana:**

Baseado, outra vez, no sofrimento das mães. Porque eu levava meu filho para um bom tratamento. Naquele momento, do nível que ele estava, ele só podia fazer o tratamento mesmo, porque não tinha condição de mais nada. Se ele não melhorasse, ele não conseguiria ficar nem em escola especial, nem em escola regular, em lugar nenhum. Ele foi para a escola regular, ele fugiu da escola, pulou o muro, pequenininho, com quatro anos, e ficou desaparecido uma tarde inteira. Quando foi encontrado, foi expulso da escola. A minha revolta foi muito grande pelo descaso. Porque ninguém acreditou em tudo que eu falava que ele era capaz de fazer. Eu explicava direitinho as dificuldades dele, sempre expliquei. E era uma escola pequena. Então, nesse momento, eu falei assim... Tem que existir alguma coisa para eles. Não é possível! E quando eu vi que muitas mães desistiam de tudo, porque tinham que levar o filho numa terapia, num bairro, em outra terapia, em outro bairro. Quando tinham com que pagar! Na época, nem plano aceitava as terapias. Eles só custeavam médico mesmo. E aí? Essas mães? No contraturno, elas tinham que levar o filho para a escola e buscar. Elas ficavam muito mal, aí elas desistiam de tudo. Elas diziam, "eu não quero mais nada. Eu vou ficar dentro de casa com o meu filho e não saio mais". Muitas mães desistiam de tudo porque realmente era muito exaustivo. A jornada não era fácil. A Escola, a clínica, tudo o que elas precisassem para não terem que se deslocar para lugar nenhum! Então, nasceu o projeto Clínica Escola do Autista com todas as terapias, médico, com professora de ensino especializado, com a coordenação, com tudo. E, graças a Deus, depois que a lei foi sancionada, eu consegui convencer o prefeito a fazer uma. Não foi fácil no começo, porque era algo que ninguém tinha feito. Mas começou a funcionar. E, graças a Deus, já tem 11 anos. Hoje, nós já temos sete. Já vai para oito no Brasil, é um projeto que deu certo.



**SR: Sala de Recursos Revista:**

Por que a Clínica Escola deu certo?

**Berenice Piana:**

Porque as famílias encontram paz ali. Não é para tirar o aluno do ensino regular. Aquele que consegue ficar no ensino regular e fica bem, ótimo, excelente. Lá na Clínica Escola, ele faz as terapias no contraturno, mas o que não consegue ficar no ensino regular, ele faz a nossa escola, sim! Eu acho que a inclusão não tem que ser forçada. Ela tem que ser desejada. Se a criança não está feliz na escola, ela não está incluída. Ela tem que estar feliz lá. Então, nós colocamos ali, no contraturno, também, a sala de recursos, ou seja, o aluno vai para a escola no ensino regular e, na Clínica Escola, faz as terapias e a sala de recursos, no contraturno. Então, ficou um projeto bem bacana para todos.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

E falando em escola regular e inclusão, você acha que a política pública, na área da educação, é garantidora dos direitos educacionais dos estudantes com autismo?

**Berenice Piana:**

Eu digo que eles não são cumpridores. Não cumprem. Porque a lei diz: direito ao acompanhante especializado. Então, eu percebi que ninguém está sabendo ainda o que é isso, mas eu encaminhei outra lei, outro projeto de lei, através até, da saudosa deputada Amália Barros. Eu pedi a ela que fosse um projeto regulamentando a profissão do mediador. Hoje, o Brasil está cheio de autistas, em todas as escolas, os autistas estão em todo lugar. E não ficou especificado quem é o acompanhante, porque a lei não pode dizer isso. A lei que nós fizemos diz que ele tem esse direito, mas quem vai dizer quem é esse mediador? Até ali não estava escrito. Então, agora, nesse outro projeto de lei, que já passou pela Câmara e está no Senado, vem dizer quem é o acompanhante especializado.

*Baseado, outra vez, no sofrimento das mães. Porque eu levava meu filho para um bom tratamento. Naquele momento, do nível que ele estava, ele só podia fazer o tratamento mesmo, porque não tinha condição de mais nada. Se ele não melhorasse, ele não conseguiria ficar nem em escola especial, nem em escola regular, em lugar nenhum.*

*Berenice Piana*

Fonte: Instagram Clínica-Escola do Autista

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 5, n. 1, jan. - jun., 2024.

Disponível em: <[www.saladerecursos.com.br](http://www.saladerecursos.com.br)>

**SR: Sala de Recursos Revista:**

A gente observa que a Lei, nesses 12 anos, implantou uma nova realidade na sociedade brasileira. Mas, quais são os grandes desafios que a nossa sociedade ainda precisa superar para garantir a inclusão das pessoas com autismo?

**Berenice Piana:**

O grande desafio é elevar esse conhecimento na sociedade em geral. Porque só quem quer saber sobre autismo são os pais, são as famílias, diretamente ligados àquela criança. De resto, as pessoas não estão preocupadas com isso. Eu vejo até hoje eles falarem tão errado sobre o assunto, “Ah, mas ele nem parece autista”. Tá, e se parecesse, como é que ele seria? “Também não sabe falar”. Ou sei lá... há muita confusão em torno disso, ainda. Então, falam muita bobagem em torno do assunto. Há muito deboche, há muito bullying nas escolas contra essas crianças. Elas estão sofrendo muito. O maior desafio é elevar a conscientização mesmo, e mais empatia por parte dos outros para com o diferente, com a pessoa diferente. De uma maneira geral, eu sei que é isso. Você pode entender perfeitamente o que é um surdo, quem é uma pessoa com deficiência visual, etc. Mas o autismo não está escrito. Ele não tem aquele carimbinho de autista. Principalmente na infância, é difícil porque é uma criança como qualquer outra, você não identifica. Então, ele é passado por pirracento, porque a mãe não deu educação e outras tantas coisas. Essa mãe já carrega tanta coisa, tanta culpa. E a sociedade, em geral, bota mais uma. Então, o maior desafio é fazer que a sociedade entenda e aceite que essa pessoa é diferente, mas ela tem direito a viver no mesmo mundo.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

No Censo Escolar, tivemos um crescimento de 400% de estudantes com autismo em nove anos, no Brasil. Tem relatórios americanos, e lá eles fazem uma contagem mais certinha, que dizem que já tem uma criança com autismo para cada trinta e seis crianças. É uma estatística segundo o CDC.<sup>2</sup>

**Berenice Piana:**

Então, no Brasil, as pessoas estão tendo a obrigação de saber o que é o autismo por causa da sua presença bem grande em todas as famílias.

*O grande desafio é elevar esse conhecimento à sociedade em geral. Porque só quem quer saber sobre autismo são os pais, são as famílias, diretamente ligados àquela criança. De resto, as pessoas não estão preocupadas com isso. Eu vejo até hoje eles falarem tão errado sobre o assunto.*

---

<sup>2</sup> Center of Disease Control and Prevention

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Você acha que a escola e o sistema de saúde estão preparados para garantir os direitos desse número tão grande?

**Berenice Piana:**

Não estão preparados, ninguém estava preparado. Para você ter uma noção, lá em 2009, quando fizemos a primeira audiência pública no Senado sobre autismo, que foi ali que eu comecei tudo, na minha fala eu disse isso, “ou nós tomamos uma providência rápido, ou nós vamos ter uma geração inteira de autistas em breve”. E todo mundo ficou escandalizado com o que eu falei. Hoje, todo mundo me dá razão. E aí, por quê? Porque eu vi que lá atrás, em 1970, a estatística mundial era 1 para 10 mil nascimentos. Como é que nós chegamos a 1 para 90, em 2009? Algo muito sério aconteceu, porque esse número só avançou, ele nem estacionou, nem retroagiu. Esse número só cresceu. Então, é claro que eu vi que, pelo andar da carruagem, nós não ficaríamos em 1 para 90. Isso ia continuar crescendo, porque só avançou. Quando o meu filho nasceu, já era 1 para 500, em 1994. Então, é algo muito grave. E hoje está aí, o resultado do que eu disse lá atrás, 1 para 36. E nós vamos chegar a um número bem maior ainda, não tenho dúvida disso.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Hoje, além da Lei, nós temos vários outros mecanismos, como o cordão do autismo<sup>3</sup>, a carteira<sup>4</sup>, são, na verdade, uma derivação da sua lei. A sua lei é que abriu a porta para a gente perceber essa necessidade. Você acha que essas iniciativas carecem de outras?

**Berenice Piana:**

Eu acredito que sim, porque nós estamos falando de três níveis, a ciência estabeleceu três níveis de autismo, um, dois e três. Mas entre esses níveis tem muitos outros. E tem aquela criança de nível dois que aparentemente ela sabe se defender, se comunicar, mas nem sempre é assim. Então eu penso sempre em alguma pulseira, ou alguma coisa que a gente possa rastrear, caso ele se perca. Por exemplo, meu filho e vários outros que eu conheço fugiram de casa. Mas não é fuga para eles. Para nós é fuga, para eles não é. Eles simplesmente vão na rua buscar aquilo que querem, como qualquer outra pessoa. Mas como eles não conhecem o perigo da vida lá fora, para a gente, nossa, acende logo um alerta, o pavor. Então, acredito que tinha que usar ainda alguma coisa, uma pulseira, um cordão, sei lá, que a gente pudesse rastrear para saber onde está. Porque o dia que meu filho ficou sumido, uma tarde inteira que fugiu da escola, você não imagina o pânico que passa pela cabeça de

<sup>3</sup> É um adereço a ser usado no pescoço, com o símbolo do autismo, para identificar mais facilmente as pessoas nessa condição.

<sup>4</sup> Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista - Ciptea

uma mãe. E até encontrar... E não foi uma vez só, depois ele fugiu de novo. Uma noite de Natal, por exemplo, alguma visita que estava aqui deixou o portão aberto, esqueceu de fechar. E ele foi na rua 10 horas da noite para trocar o presente de Natal, porque o robzinho que ele ganhou não funcionou. Ele queria ir lá na loja para trocar. Sem a menor noção de que a loja, naquela hora, não ia estar aberta, nem nada. Nós saímos correndo na chuva, sempre todos desesperados. E ele já estava voltando. Então, tem várias coisas desse tipo que já aconteceram com o meu e com tantos outros. Se a gente tem algum rastreador, alguma forma de saber onde ele está, eu acho que ajudaria muito. E outra, a Cipteia, que é a carteirinha do autista, ela é federal. Isso significa que ela teria que ser regulamentada em nível federal, para que todo o Brasil tivesse a mesma carteirinha, que veio da Lei Romeu Mion e alterou a Lei do Autismo. Então, eu acho que a Cipteia tem que ser regulamentada em nível federal, para o Brasil ter um único modelo de carteirinha, porque a carteirinha do meu filho, por exemplo, vale aqui na minha cidade, Itaboraí, não vale na outra cidade e não pode ser assim, ela tem que valer em todo o território nacional. E o cordão? há uma confusão hoje em dia, ainda tem o cordão de girassol, que é para todas as deficiências ocultas, e aí nós começamos a botar o cordão com quebra-cabeça, que também é lindo, mas a gente confunde um pouco. Vamos escolher um, por favor!

#### SR: Sala de Recursos Revista:

Na sociedade, hoje, existe uma vontade de incluir? A sociedade está aberta para essa diversidade do autismo? Como você vê isso?

#### Berenice Piana:

Não está aberta, infelizmente não está. O preconceito ainda reina em muitos lugares, mais em alguns estados do que em outros. É claro que o nível 1 de suporte, esse é, muitas vezes, diagnosticado adulto, ele tem lá a sua forma de comunicação, apesar de não ser diferente o sofrimento. Muitos deles sofrem muito mesmo, ninguém sabe o que vai no interior deles, né? E o quanto eles são incompreendidos. Sempre essas crianças de nível 1 de suporte são o esquisitão da escola, o esquisitão que não consegue fazer amigos, que não consegue ter uma vida social normal, são pessoas sofredas. E eu conheço vários adultos e sinto o sofrimento deles. Então é difícil. É óbvio que a sociedade não está, claro que temos exceções, temos lindas exceções de pessoas que abraçam mesmo. Meu filho, eu tenho certeza que ele foi amado por muitos que o conheceram de perto, de quem eu tenho reconhecimento imenso. Tanto da minha família mesmo, como a família do meu marido, ele nunca sofreu rejeição, pelo contrário, ele foi muito, muito bem acolhido. Mas a sociedade em geral, sinto muito, mas eles não estão preparados, não estão aceitando muito bem essa história, não.

está aberta, infelizmente não está. O preconceito ainda reina em muitos lugares, mais em alguns estados do que em outros. É claro que o nível 1 de suporte, esse é, muitas vezes, diagnosticado adulto, ele tem lá a sua forma de comunicação, apesar de não ser diferente o sofrimento. Muitos deles sofrem muito mesmo, ninguém sabe o que vai no interior deles, né?



E o quanto eles são incompreendidos. Sempre essas crianças de nível 1 de suporte são o esquisitão da escola, o esquisitão que não consegue fazer amigos, que não consegue ter uma vida social normal, são pessoas sofridas. E eu conheço vários adultos e sinto o sofrimento deles. Então é difícil. É óbvio que a sociedade não está, claro que temos exceções, temos lindas exceções de pessoas que abraçam mesmo. Meu filho, eu tenho certeza que ele foi

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Que pena.

**Berenice Piana:**

Para você ter uma ideia, hoje meu filho tem 30 anos, eu moro aqui nessa cidade há pelo menos 20 e poucos anos, pelo menos. Ele só foi convidado por duas pessoas para aniversário. Só. Dois vizinhos. Um vizinho, uma vizinha de frente, e o último vizinho do lado, que sempre o convidaram para aniversário. Só. E ninguém mais. E eu conheço muita gente aqui na cidade que tinha criança, que fazia aniversário, que fazia festa, e nunca convidou meu filho. Nunca. E os outros dois sempre são convidados, eu tenho três. Então, quem conhece, e ainda mais o meu filho, que adora aquele pula-pula e outras coisas tantas de aniversário, às vezes ele espiava por cima do muro, do outro lado, as crianças brincando. Eu sei que ele tinha vontade. Mas se não foi convidado, isso dói, né? A gente sabe o quanto uma criança sofre. Ele também foi criança.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Você falando aí, eu me lembro de uma cena de um filme de Moçambique, de surdos. As crianças brincando no pátio da escola e os surdos olhando por cima do muro, porque lá, eles não podiam ir à escola. Para finalizar, gostaria de saber que palavra você diria para a mãe que começa essa luta, que talvez ainda esteja no luto. Para que essa mãe continue com um olhar esperançoso, com um olhar de força, o que você diria para ela?

**Berenice Piana:**

Eu diria duas coisas. Uma frase que não é minha, mas de um autor maravilhoso que eu gosto muito, Hermínio Corrêa de Miranda, ele diz, se você não consegue tratar do seu filho autista hoje, pelo menos ame-o de todo o seu coração, com toda a sua força. E a segunda é, nunca, nunca, nunca desista, porque não se desiste de um filho, jamais.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Que lindo, que lindo! Muito obrigada, eu não tenho palavras para agradecer e dizer que a nossa revista está aberta para você e, para o Dayan, um grande abraço e muita luz na vida dele.

## 2. A Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012)

É uma legislação brasileira fundamental que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa lei, sancionada em 27 de dezembro de 2012, foi um marco na defesa e proteção dos direitos das pessoas com TEA no Brasil, assegurando acesso a tratamento, inclusão escolar, apoio social e inserção no mercado de trabalho.

A lei leva o nome de Berenice Piana, uma ativista e mãe de uma pessoa com autismo, que lutou ativamente para garantir esses direitos, sensibilizando o governo e a sociedade sobre a importância da inclusão e do respeito às necessidades das pessoas com TEA. Entre os principais direitos garantidos pela lei estão:

- Direito ao diagnóstico precoce e tratamento: Incentiva o diagnóstico precoce e garante a oferta de tratamentos necessários e de qualidade.
- Inclusão na rede regular de ensino: Assegura o direito dos estudantes com TEA a estarem inseridos nas escolas regulares, com as adaptações e apoios adequados.
- Direito ao trabalho e à vida digna: Estimula a inclusão no mercado de trabalho e a proteção dos direitos sociais das pessoas com TEA.
- Proibição de recusa por plano de saúde: Determina que planos de saúde não podem negar cobertura para tratamentos necessários às pessoas com TEA.



# Entrevista

Um pensador e suas inovadoras concepções acerca  
da compreensão do Autismo  
Professor doutorando: Pedro Lucas



**Quem é Pedro Lucas:**

Pessoa Autista e ativista no self advocacy, Mestre em Educação Especial no Domínio Cognitivo e Motor - Universidade Fernando Pessoa/Porto-Portugal (2022); Especialista em Orientação Educacional, Psicopedagogia Institucional e Clínica e Neuropedagogia; Licenciado em Pedagogia - IESB (2016). Possui diversos cursos de extensão na área de inclusão escolar, tecnologia assistiva e acessibilidade educacional, estuda e pesquisa a Teoria Histórico Cultural. Atualmente atua como Psicopedagogo e Professor de Atendimento Educacional Especializado. Ministra cursos de formação continuada de professores na área da: Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Defectologia); Cognição e Aprendizado; Modelo Social da Deficiência; Tecnologia Assistiva e Acessibilidade Educacional; Desenho Universal para o Aprendizado; Ensino, aprendizagem e Desenvolvimento.





SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 5, n. 1, jan. - jun., 2024.

Disponível em: <[www.saladerecursos.com.br](http://www.saladerecursos.com.br)>

leia



## UM PENSADOR E SUAS INOVADORAS CONCEPÇÕES ACERCA DA COMPREENSÃO DO AUTISMO PROFESSOR DOUTORANDO: PEDRO LUCAS

Conversar com o professor Pedro Lucas sobre inclusão é como mergulhar em um oceano de possibilidades. Em sua fala, teoria e prática se alternam, trazendo-nos conhecimento e renovando nossa esperança em um mundo mais justo e acolhedor. Sua trajetória de vida e profissional é inspiradora, pois reflete um compromisso profundo com a promoção de uma sociedade que valorize a diversidade e respeite as singularidades de cada pessoa.

Primeiro pesquisador autista brasileiro a representar nosso país no circuito internacional, o professor Pedro é pioneiro em seu campo e se dedica a aprofundar o entendimento sobre o autismo sob a perspectiva histórico-cultural. Ele argumenta que compreender o autismo não se limita aos aspectos biológicos, mas exige também uma análise das interações sociais e culturais que impactam a experiência das pessoas autistas. Essa abordagem inovadora busca ampliar a visão da sociedade sobre o autismo, desmistificando preconceitos e promovendo a empatia.

Além disso, o professor Pedro defende que uma educação verdadeiramente inclusiva é aquela que não só integra, mas acolhe e potencializa o desenvolvimento de todos. Ele acredita que, quando a escola respeita a singularidade do aluno, cria um ambiente em que cada um pode aprender e crescer de forma plena. Suas práticas pedagógicas inclusivas são exemplos claros de como a educação pode ser transformadora, sendo ele uma referência e inspiração para educadores em todo o país.

Através de sua pesquisa e atuação como professor, Pedro Lucas nos mostra que a inclusão não é apenas uma questão de direito, mas também uma poderosa ferramenta para transformar a sociedade e enriquecer nossas relações humanas. Seu trabalho reforça a urgência de se promover políticas, culturas e práticas que garantam um espaço para cada pessoa ser respeitada e valorizada em sua individualidade, contribuindo assim para a construção de um mundo mais justo e igualitário para todos.

*A medida que os recursos complementares e suplementares eram oferecidos, minhas condições de mostrar todas as minhas potencialidades se transformavam de forma brutal.*

*Pedro Lucas*

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Professor Pedro Lucas é mestre em Educação Especial pela Universidade Fernando Pessoa em Porto/Portugal e tem uma trajetória de pesquisa e estudo na área de Educação Especial Inclusiva, é pessoa com autismo. Como foi a sua trajetória escolar? Os desafios e apoios? Que barreiras precisaram ser removidas?

**Pedro Lucas**

Minha trajetória foi recheada de dificuldades constituídas pelas condições materiais e ideológicas do meio social que estava vivenciando naquela altura. À medida que os recursos complementares e suplementares eram oferecidos, minhas condições de mostrar todas as minhas potencialidades se transformavam de forma brutal. As barreiras que enfrentei como estudante autista estavam muito mais relacionadas às vias e formas exigidas para minha significação dos conteúdos e das realidades. Quando esses processos tiveram acessibilidade com advento de outras e complementares formas de significar, as minhas condições de internalizar e converter os recursos que estavam sendo ensinados foram transformados de forma revolucionária.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Você foi o primeiro pesquisador autista brasileiro a representar o nosso país no IX International Vygotsky Seminar, Turim, em 2024. Seu trabalho aborda o autismo na perspectiva histórico cultural. Como se dá a inclusão, o aprendizado e o desenvolvimento de estudantes com autismo sob esse prisma? A inclusão é um pressuposto para o aprendizado e o desenvolvimento?

**Pedro Lucas:**

Evidentemente é necessário qualidade das relações sociais em um contexto provocador de desenvolvimento, e esse só pode ser aquele ambiente inclusivo que apresente suporte, desafios e necessidades culturais complexas. A inclusão escolar passa pelos pressupostos de Vigotski por uma questão de ser uma proposta de defesa e explicação do desenvolvimento estruturante e essencialmente inclusivo. As leis do desenvolvimento são as mesmas para todas as pessoas, com ou sem deficiência, a grande diferença é a oferta de outras vias complementares para que a cultura que está externa a criança seja coletiva, pela mediação, convertida, em algo individual, pelo trabalho de relação entre pensamento e a língua (signo verbal - processos de significação).

*As barreiras que enfrentei como estudante autista estavam muito mais relacionadas às vias e formas exigidas para minha significação dos conteúdos e das realidades.*

*Pedro Lucas*

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Sabemos que o conceito de deficiência sofreu e ainda sofre diversas mudanças ao longo do percurso histórico mundial, que fatores influenciam essas mudanças?

**Pedro Lucas**

Acredito que o impulso social e político para as mudanças nas concepções de deficiência vem com muita luta das pessoas com deficiência. Evidentemente a inclusão escolar que oferece condições para que nós pessoas com deficiência possamos chegar às universidades e alcançar níveis de compreensão mediada da realidade possibilitando uma ascensão do protagonismo e da pesquisa em primeira pessoa.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Podemos considerar o modelo médico de deficiência um modelo inadequado para o processo inclusivo?

**Pedro Lucas:**

Com certeza! Tudo que se organiza a partir do modelo médico além de capacitista atrasa ou impossibilita o desenvolvimento de qualquer estudante com deficiência. Métodos de controle, conversão e condicionamento são meios de impor formas consideradas como normais, uma espécie de ortopedia psíquica que atrofia a personalidade e impede o desenvolvimento.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Qual a relevância do modelo social da deficiência para a educação especial inclusiva?

**Pedro Lucas:**

O modelo social é revolucionário para a prática pedagógica pois apresenta um raciocínio essencial, o fato de a barreira não estar no estudante, quase como se afirmasse que não existe problema de aprendizagem e sim de "ensinagem". Quanto mais modelo social na educação, mais a lógica da oferta de acessibilidade será uma realidade em nossa prática pedagógica.

*Tudo que se organiza a partir do modelo médico além de capacitista atrasa ou impossibilita o desenvolvimento de qualquer estudante com deficiência.*

*Pedro Lucas*

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Constantemente surgem legislações, pareceres, bases legais cujo foco sejam pessoas com deficiência e seus direitos na sociedade, e, nem sempre nestes documentos o caráter pedagógico do ensino e da aprendizagem das pessoas com deficiência é analisado em relação a educação inclusiva eficiente. Quais as diretrizes educacionais pedagógicas que você considera fundamentais para que um processo educacional inclusivo seja de fato eficaz?

**Pedro Lucas:**

Penso que antes de tudo, devemos nos afastar por completo de práticas de condicionamento e ou de normalização de corpos e mentes. Quando estivermos prontos para abraçar as diferenças, para além das deficiências, tendo a oferta de acessibilidade, estaremos em um caminho muito melhor.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

O autismo é popularmente conhecido como um transtorno, você tem defendido a ideia de “neurodiferença”. Nos conte um pouco de como é a visão do autismo como neurodiferença, quais considerações são fundamentais?

**Pedro Lucas:**

O autismo e nós autistas fomos colocados no lugar de doença ou de erro durante muito tempo, a visão patologista de nossa diferença é fonte de muitas barreiras que enfrentamos, sustenta muitas ideias de não desenvolvimento que tentam impor para nossa existência. A constituição do nosso desenvolvimento neurológico e, principalmente, o processamento da linguagem (processos de significação) são diferentes. Essa diferença não pode ser vista como doença ou transtorno (desvio da norma). O autismo é sim uma neurodiferença nas formas de processar e devolver informações sensoriais, conceituais e psicossociais e isso não precisa ser corrigido, precisa ser oferecido apoio e acessibilidade.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Quais as contribuições de Vigotski para a psicologia do desenvolvimento em relação a aprendizagem e a linguagem, que podemos aplicar na educação moderna de modo a favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento de estudantes com autismo?

**Pedro Lucas:**

São diversas contribuições que poderíamos ter, há algumas revistas dedicadas somente a isso, mas a contribuição na minha visão mais importante está na oferta de múltiplas e outras vias e formas de significação que pode ser entendido pelo processo de intercâmbio e mediação para a compreensão da realidade. Existem formas, meios e vias alternativas ou outras de internalizar a cultura pelo significado, formas para além daquelas hegemônicas como a fala, por exemplo.



**SR: Sala de Recursos Revista:**

Qual a relevância do trabalho como atividade humana para as pessoas com autismo ou outras deficiências?

**Pedro Lucas:**

O trabalho como atividade humana é organizador e também responsável pela apropriação da cultura, humaniza na medida que se organiza para transformar a realidade, e, essa mesma realidade transforma a pessoa. O trabalho como atividade humana possibilita uma relação com a realidade para além do campo das aparências, favorece a atividade imaginativa e criadora, o planejamento, o uso de ferramentas. Não é à toa que é a base de toda boa prática pedagógica.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Nos conte um pouco sobre sua prática pedagógica em atendimento educacional especializado-AEE. Qual seu público alvo? Onde e como acontece? Qual a importância desse atendimento quando falamos de inclusão escolar?

**Pedro Lucas:**

Bem meu trabalho é dedicado principalmente a adolescentes a partir do 6 ano até universitários autistas, também trabalho com outras neurodiversidades, mas o foco principal é o estudante autista. A minha principal intenção e trabalho, se organiza na oferta de recursos que nós chamamos de técnico simbólicos para que essas pessoas possam se organizar, se orientar e se desenvolver se apropriando da cultura, ampliando e complexificando as suas relações com os signos. Também orientamos as famílias, a escola e os estudantes sobre a sensibilidade do estudante autista. Eu acredito que o tema mais emergente seja o tema do processo gestalt da linguagem, sendo essa a temática mais recorrente hoje no meu trabalho e eu acredito que o mais importante a ser compartilhado com vocês. A oferta de formatos de compartilhamento de informações, conteúdos, conceitos e tudo mais dentro da escola precisa respeitar esta especificidade dos meus estudantes e minha também, no que se refere ao processamento de linguagem, então, hoje o nosso foco maior é como trabalhar isto com os estudantes e também com as escolas e com as famílias.

*O autismo e nós autistas fomos colocados no lugar de doença ou de erro durante muito tempo. a visão patologista de nossa diferença é fonte de muitas barreiras que enfrentamos. sustenta muitas ideias de não desenvolvimento que tentam impor para nossa existência*

*Pedro Lucas*



# Entrevista

Uma mãe, professora e defensora dos direitos das  
pessoas com TEA  
Amanda da Costa Soares Martins



### Quem é Amanda da Costa Soares Martins?

Amanda é professora com mais de uma década de experiência e coordenadora do MOAB dedicada em Sobradinho, onde atua há dois anos acolhendo famílias de pessoas com TEA e outras deficiências. Formada inicialmente em Letras, Amanda iniciou, em 2013, sua graduação em Pedagogia para atender melhor estudantes com necessidades educativas, graduando-se em 2017, após uma breve pausa para cuidar do filho Rafael, que enfrentou um longo período de internação. Ao concluir Pedagogia, Amanda teve a certeza de que a Educação Especial seria seu caminho profissional. Em 2018, passou em um concurso para contrato temporário da SEEDF e, desde então, tem trabalhado em classes voltadas para estudantes com Deficiências Múltiplas e TEA. No início de 2024, realizou o sonho de assumir como professora efetiva da SEEDF e, atualmente, leciona na Escola Classe 16 de Sobradinho, em uma classe específica para TEA. Além de seu trabalho na educação, Amanda é voluntária no Movimento Orgulho Autista do Brasil (MOAB), uma das maiores organizações do país voltadas à causa do Autismo, fundada em 2005. No MOAB, Amanda acolhe famílias, promove a troca de informações e contribui para ações de conscientização, como a elaboração de leis e a organização de eventos de apoio.



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 5, n. 1, jan. - jun., 2024.

Disponível em: <[www.saladerecursos.com.br](http://www.saladerecursos.com.br)>



leia



## UMA MÃE, PROFESSORA E DEFENSORA DOS DIREITOS DAS PESSOAS COM TEA AMANDA DA COSTA SOARES MARTINS

Conversar com a professora Amanda Costa sobre inclusão é como ter esperança em dias e tempos melhores, mais auspiciosos para educação brasileira, principalmente para educação especial. Hoje, Amanda representa a força das mães atípicas e sua capacidade de transformar desafios em ações significativas. Ela inspira a comunidade a acreditar na inclusão e no potencial de cada indivíduo, independentemente dos diagnósticos. Amanda é uma mulher forte, mãe de três filhos, Gabriel, Rafael e Guilherme, cada um com diagnósticos únicos que trouxeram desafios e transformações para sua família. Professora e coordenadora do Movimento Orgulho Autista do Brasil (MOAB) em Sobradinho (DF), ela dedica sua vida a apoiar famílias de pessoas com autismo e outras deficiências, oferecendo acolhimento e mobilizando recursos e políticas inclusivas.

Seu filho Gabriel, diagnosticado com autismo aos 8 anos, após uma longa jornada de consultas médicas, segue uma rotina estruturada que ajuda a reduzir o estresse e a ansiedade. Além da Sala de Recursos, Gabriel participa de psicoterapia, terapia ocupacional, e outras atividades que incentivam sua autonomia e desenvolvem suas habilidades. Já Rafael, diagnosticado com TEA aos 2 anos, enfrenta desafios múltiplos devido à hidrocefalia e à Síndrome de Bickers Adams. Ele é dependente nos cuidados diários e realiza sessões de fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional, beneficiando-se dos serviços oferecidos por uma OSC financiada pelo Governo do Distrito Federal.

Guilherme, o terceiro filho, também possui a Síndrome de Bickers Adams, o que intensifica o compromisso com uma rotina dedicada e ajustada às necessidades de cada um de seus filhos. A família reorganizou sua vida para oferecer a eles o melhor suporte possível, promovendo adaptação nas rotinas e até ajustes na alimentação para garantir um ambiente acolhedor e seguro para todos.

Amanda acredita que a Lei Berenice Piana é um avanço essencial para garantir os direitos das pessoas com autismo e espera que essa conquista fortaleça o respeito e a aceitação de seus filhos e de outras pessoas com TEA na sociedade. Embora o acesso a terapias e serviços de saúde pelo SUS seja limitado e com longas filas de espera, ela mantém sua luta ativa, pois deseja um futuro de mais igualdade e compreensão.



**SR: Sala de Recursos Revista:**

Quais são os nomes e idades dos seus filhos? (Somente o primeiro nome)

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Guilherme (15), Gabriel (13) e Rafael (8).

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Como foi o diagnóstico de autismo dos seus filhos? Como foi o início, a descoberta do autismo?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Meus filhos, Gabriel e Rafael, são autistas; porém, o Rafael tem, na verdade, múltiplas deficiências. Guilherme possui uma síndrome rara chamada Síndrome de Bickers-Adams. Quando Gabriel tinha cerca de 4 anos, levei-o ao neuropediatra devido a uma crise convulsiva. Na ocasião, relatei algumas 'manias' que ele apresentava e que não achava muito comuns, como enfileirar e organizar certos brinquedos sempre da mesma forma e sua facilidade em dizer palavras em inglês, como cores e números. Lembro que, na época, o médico explicou que, para estar dentro do espectro, Gabriel precisaria preencher mais alguns critérios, como atraso de fala, dificuldade de interação social, entre outros.

O tempo foi passando, mas meu coração não se aquietava; mudei de neuropediatra e busquei também a ajuda de uma psicóloga, pois Gabriel havia começado a recusar diversos tipos de alimentos, limitando-se a comer apenas laranja, manga, pipoca e suco. Por fim, procurei também um psiquiatra. Juntos, o neurologista, a psicóloga e o psiquiatra diagnosticaram Gabriel com TEA – Transtorno do Espectro Autista. Na época, ele já estava com quase 8 anos. Foi quando meu mundo desabou, pois ele era aquele filho que eu acreditava que cuidaria dos irmãos na minha ausência, que realizaria vários sonhos que, na verdade, eram meus, não dele.

Foram dias com o coração apertado, e eu só chorava ao apagar as luzes ou no momento do banho. Mas, como sempre, após o luto, vem a luta! Durante a gravidez do Rafael, soube que ele nasceria com hidrocefalia e, alguns meses após o nascimento, descobrimos que essa hidrocefalia estava ligada ao cromossomo X, ou seja, a mim. O nome da síndrome é Bickers-Adams, que causa atrasos globais no desenvolvimento. Após dois anos, o neuropediatra, observando alguns comportamentos, também diagnosticou Rafael com TEA. Mas, nesse momento, eu já estava tranquila e já havia entregado meus filhos para que Deus fizesse a vontade d'Ele

*acredito que a Lei Berenice Piana é um avanço essencial para garantir os direitos das pessoas com autismo e espera que essa conquista fortaleça o respeito e a aceitação de seus filhos e de outras pessoas com TEA na sociedade. Embora o acesso a terapias e serviços de saúde pelo SUS...*

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Com o diagnóstico, quais mudanças ocorreram na família?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Primeiramente, nós, enquanto família, começamos a entender melhor o Gabriel e ser mais compreensíveis em relação à alimentação. Fizemos um novo ajuste na nossa rotina, observando o que ficava mais confortável para o Gabriel, como por exemplo, horários de refeição. Enfim, fizemos um novo ajuste, uma reorganização da rotina familiar.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Quais estratégias e recursos você utiliza para apoiar o desenvolvimento dos seus filhos?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Como os meus três filhos são PCD 's - Pessoas com Deficiência, nós enquanto família, investimos em uma rotina estruturada, para que houvesse uma previsibilidade do que iria acontecer e assim diminuindo o estresse, a irritabilidade e até mesmo a ansiedade. Essa rotina está em um quadro no quarto deles. Gabriel faz Psicoterapia, Música, Inglês, Terapia Ocupacional e Sala de Recursos no contraturno. Rafael faz Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional no contraturno.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Quais são os principais desafios que os professores enfrentam ao lidar com alunos autistas?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Os principais desafios que os professores enfrentam são a falta de formação continuada, falta de monitores concursados e capacitados para atender a esse público, falta de parceria da família com a escola e falta de investimento público em Políticas Públicas voltadas para esse público.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Você acredita que as escolas estão preparadas para receber alunos autistas? Por quê?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

As escolas não estão totalmente preparadas para receber, pois enfrentam a escassez de recursos financeiros, de profissionais com capacitação adequada e infraestrutura. E agora falo no lugar de professora, "Nós, professores da Educação Especial, lutamos para garantir os direitos dos nossos alunos".

SR: Sala de Recursos Revista:

Quais mudanças você acha que são necessárias no Sistema Educacional para melhorar a inclusão?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Investimento em formação continuada para professores, seleção para monitores, curso de qualificação para esses monitores, construção de novas escolas para que o direito de turma reduzida do estudante não seja negado.

SR: Sala de Recursos Revista:

Que tipo de apoio você recebe da Secretaria de Educação e de outras instituições?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Gabriel é atendido todas as terças-feiras na Sala de Recursos e está matriculado na turma de integração inversa. Rafael está matriculado no Centro de Ensino Especial e faz os atendimentos de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional em uma Organização da Sociedade Civil (OSC), que recebe recursos financeiros do GDF - Governo do Distrito Federal.

SR: Sala de Recursos Revista:

Quais são as suas esperanças e expectativas para o futuro dos seus filhos?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Desde a aprovação da Lei Berenice Pianna (Lei 12764/12) que instituiu a proteção dos direitos das pessoas com o Transtorno do Espectro Autista, podemos observar que os familiares das pessoas com TEA começaram a lutar, a se unir pela causa dos seus filhos e parentes. E isso me faz acreditar e ter fé que nossos filhos terão seus direitos garantidos e que serão respeitados pelo seu jeito de ser. O que queremos não é a igualdade de direitos, pois nós somos diferentes, o que queremos é equidade.

OBS: Em 2019, descobri que eu tinha uma deficiência, paraparesia de membros inferiores.

SR: Sala de Recursos Revista:

Como você vê a evolução da percepção e aceitação do autismo na sociedade?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Há décadas, não era comum falar em autismo, mas já tínhamos pessoas que eram privadas de ir à escola, pelo simples fato delas apresentarem comportamentos diferentes das demais. Nos últimos anos, podemos ver com mais facilidade as pessoas falando que conhecem alguém que tem o transtorno, ou até mesmo que tem algum familiar com TEA. Há pesquisas que dizem que a cada 36 nascidos 1 poderá ter autismo. Mas ainda enfrentamos muitos olhares e julgamentos da sociedade. Estamos longe de ser uma sociedade que aceita e respeita o outro do jeito que ele é.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Como professora, diante da sua experiência pessoal como mãe de crianças com autismo, como isso influencia a sua prática docente?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

A minha experiência pessoal de mãe de crianças PCD 's me faz lembrar a cada dia que devo olhar para cada aluno além da sua deficiência, que devo começar olhando para suas potencialidades, que aquela criança não se resume no seu laudo, que ela tem direitos de aprendizagens. E é claro que tudo que aprendi de melhor nessa minha caminhada com meus filhos, levo para dentro da minha sala.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Como é o acesso aos serviços e recursos previstos nas Políticas Públicas?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Para ter acesso aos serviços e recursos previstos nas Políticas Públicas não é fácil. A primeira dificuldade que enfrentamos é uma consulta com um médico neuropediatra pelo SUS - Sistema Único de Saúde, para realmente ter o laudo do Transtorno do Espectro Autista. Atualmente, a fila de espera já passa de 10 mil crianças. O mesmo acontece caso a criança necessite de um acompanhamento com um psiquiatra. Após a luta para conseguir ter o laudo vem a dificuldade para ter acesso às terapias pela rede pública, atualmente os locais que tem realizado atendimento pelo SUS, ou por convênio com a Secretaria de Educação são o CEAL (SEADI) – Centro de Audição e Linguagem Ludovico Pavoni (909 norte) e o COMPP – Centro de Orientação Médico – Psicopedagógica. Esses locais tem uma lista de espera, também. Algumas mães me relataram que ficaram até quase dois anos na fila. Sem falar que nem todas as medicações estão disponíveis pelo SUS. As pessoas com transtorno do Espectro Autista têm direito a receber o BPC (Benefício de Prestação Continuada), porém a renda per capita familiar não poderá ultrapassar  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo por pessoa.

**SR: Sala de Recursos Revista:**

Quais são os esforços e cuidados da família nas atividades do dia a dia?

**Amanda da Costa Soares Martins:**

Os cuidados nas atividades do dia a dia do Gabriel são: tentar ao máximo manter uma rotina estruturada, levá-lo para as atividades e terapias no contraturno e dar a medicação. Em relação à higienização, de maneira geral, ele tem total autonomia, assim como para se alimentar, para vestir-se e despir-se. O Rafael é totalmente dependente em todas as atividades do dia a dia, locomoção (ele é cadeirante), alimentação (faz uso de gastrostomia) e higienização.





# Artigo

## INCLUSÃO INTEGRAL: CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO JUSTA E IGUALITÁRIA PARA TODOS

JOSÉ ARINAN DE MELO SILVA

MARIA JOSÉ DA SILVA

SUZETE SANTANA BRITO



José Arinan de Melo Silva, nasceu em Passira - Pernambuco dia 31 de janeiro de 1997. É aduando em geografia pelo instituto federal de Pernambuco - IFPE. Cursando técnico em enfermagem - pela escola técnica de Pernambuco.

Suzete Santana Brito, nasceu em São Paulo dia 23 de maio de 1998. É formada em Pedagogia pela faculdade Universidade Paulista -UNIP, é graduanda em História pela UFRPE. Possui curso de Libras, ABA pelo (Instituto Singular), Acompanhante terapêutico (FACULDADE ALPHA), Secretária Escolar -ETE, Gestão de projetos, Estatística Básica, competência e Liderança (APRENDER Instituto Educacional).

Maria José da Silva, nasceu em Feira Nova - Pernambuco dia 13 de dezembro de 1993. É formada em Pedagogia pela faculdade de ciências aplicadas de Limoeiro - Facal, bacharel em administração pela Uninassau e tecnóloga em processos gerenciais pela faculdade CNA.

leia



## INCLUSÃO INTEGRAL: CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO JUSTA E IGUALITÁRIA PARA TODOS

JOSÉ ARINAN DE MELO SILVA

MARIA JOSÉ DA SILVA

SUZETE SANTANA BRITO

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho promove a discussão sobre a temática de Inclusão Integral: Caminho para uma Educação Justa e Igualitária para Todos, cujo foco envolve os desafios no processo de inclusão de alunos com deficiência no campo educacional. Para embasamento teórico desse estudo, se fez necessário a seguinte problematização: Mediante a oferta de um ensino de qualidade a todos os estudantes em escola de ensino regular, quando se trata da inclusão de alunos com deficiência é possível dizer que existe garantia de uma inclusão efetiva?

A escolha deste tema se justifica com o propósito de fortalecer o conhecimento a respeito da legislação e o entendimento de como proceder para que a inclusão de crianças com deficiência aconteça na escola de ensino regular. Isso se faz necessário mediante a sociedade atual que precisa de uma reconfiguração, para superar seus preconceitos, quebrando paradigmas, e reconsiderar os valores necessários para uma educação inclusiva e respeitosa.

Outro aspecto relevante, trata-se da reflexão sobre o papel do Educador diante do desafio iminente, para que a escola seja um espaço inclusivo e de respeito às diferenças. E assim a escola, estará preparando o estudante para o convívio com a diversidade e respeito às singularidades de cada um.

Diante o exposto, é de extrema importância a análise da realidade e as condições existentes para uma aprendizagem que possibilite e favoreça a inclusão. Pois um acolhimento digno potencializa as habilidades bem como favorece o desenvolvimento neste processo inclusivo na vida destes estudantes.

### 2. OBJETIVOS

Nosso objetivo com esse estudo foi promover a inclusão integral e efetiva de todos os alunos nas escolas, independentemente de suas características, habilidades ou condições, garantindo uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva.

Os objetivos específicos deste projeto incluem o desenvolvimento de mecanismos eficazes para identificar e avaliar as necessidades específicas dos alunos que requerem apoio adicional para seu pleno desenvolvimento acadêmico e social. Para assegurar que esse processo seja completo e atenda a todas as nuances das necessidades dos alunos, pretende-se estabelecer parcerias com profissionais especializados, que contribuirão para uma

avaliação detalhada e para garantir o suporte adequado a cada caso. Além disso, o projeto busca implementar programas de formação continuada para professores e outros profissionais da educação, com foco em estratégias de ensino inclusivas e abordagens pedagógicas adaptadas, promovendo uma educação de qualidade para todos os alunos. A acessibilidade física também é uma prioridade, com o objetivo de realizar adaptações estruturais e tecnológicas nas escolas para facilitar a mobilidade e o aprendizado de alunos com deficiência. Por fim, será dada atenção especial ao suporte psicossocial, com a criação de serviços dedicados aos alunos, professores e familiares, buscando promover um ambiente emocionalmente saudável e propício ao aprendizado e desenvolvimento pessoal.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante disso, nos pautamos teoricamente por pensar que a inclusão de pessoas com deficiência é de extrema relevância por isso iniciaremos com um breve histórico sobre a pessoa com deficiência e os desafios enfrentados ao longo da história da humanidade até os dias atuais, para uma melhor compreensão do contexto apresentado.

As pessoas com deficiência desde a antiguidade vivenciaram momentos de rejeição, exclusão a ponto de não ser considerado participante da sociedade, ainda vistas como um ser atípico. Neste cenário muitas terminologias foram utilizadas para identificação das pessoas com deficiência e isso se permeou por décadas. Esta época foi marcada pelo código de Hamurabi, que é um conjunto de leis que fez referência de certa forma excludente, pois se refere a divisão de classes. Para os filósofos Aristóteles e Herófilo fizeram notas sobre à deficiência mental sobre as mutações da estrutura cerebral.

O termo retardo mental, foi utilizado por séculos e até hoje podemos encontrar nos códigos de classificação de doenças. A partir da década de 1960, o cenário começa a ter suas modificações e esta pessoa com retardo mental era reconhecida como “um ser excepcional”, dando uma significação muito confusa, no qual se tratava de uma pessoa divinamente talentosa, e dessa forma se buscava atribuições positivas a estas pessoas, na intenção de superar o preconceito social. E a partir de então, foram surgindo novas formas de expressões na busca de apagar o sentido da deficiência, como a exemplo, pessoa especial ou especial dentre outras, como aponta Mirian Aparecida Graciano de Souza Pan:

As diferentes formas de nomear podem apenas representar o esconderijo de velhas arapucas a maquiar valores sociais contraditórios e a encobrir as tensões geradoras de novas formas veladas de exclusão (PAN, 2008, p. 28).

Nesse sentido surgiu no Brasil, instituições como o Imperial Instituto dos Meninos Cegos em 1854 (Instituto Benjamin Constant – IBC), Instituto dos Surdos Mudos em 1857 (Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES). Com o objetivo de atender as outras especificidades e/ou necessidades educativas especiais foi criado o Instituto Pestalozzi em

1926 com propósito de atender pessoas com deficiência mental e para além surgiu ainda na Pestalozzi o primeiro atendimento educacional especializado a pessoas com superdotação. Posteriormente em 1954 fundou-se a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Na década de 60 ainda permeia sob o atendimento das pessoas com deficiência a visão de “políticas especiais” agora fundamentadas diante da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº. 4.024/61 que postula o direito das pessoas com necessidades educativas especiais no sistema geral de ensino.

Entretanto, a lei nº. 4.024/61 foi alterada pela Lei nº. 5.692/71 quando aponta que “o tratamento especial para os alunos com “deficiência físicas, mentais, os que se encontrarem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e as superdotadas”. Isso revela o modo como as pessoas com necessidades educativas especiais vivem a mercê de um sistema político- educacional que não oferece condições de atendimento desses sujeitos, transferindo a responsabilidade para as classes/escolas especiais.

Com a Constituição Federal de 1988 inicia-se uma mudança quanto ao tratamento dos sujeitos na sociedade numa perspectiva de universalização dos direitos, quando “promove o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade, e quaisquer outras formas de discriminação” (artigo 3º inciso IV).

Assim, a década de 90 com base na Cnstituição Federal passou a pensar nas especificidades e/ou necessidades dos sujeitos, garantindo-lhe os objetivos fundamentais, como define os artigos 205 e 206 do mesmo documento, declarando que:

“a educação como um dos direitos de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. (...) artigo 206, inciso I, estabelece a igualdade de condições de acesso e permanência na escola”. (BRASIL, 1988)

Nota-se que a educação passa a ser pensada não apenas para uma classe homogênea, mas, para todos subtendendo-se a uma reestruturação nos sistemas de ensino, uma modificação no currículo, formação docente que garanta a esses educandos a permanência nas instituições de ensino. Outro documento que respalda as ideias supracitadas trata-se da Declaração de Salamanca (1994) um marco das discussões sobre Educação Inclusiva que propõe:

[...] as escolas se devem ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, terão de incluir-se crianças com deficiência ou superdotados, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais (SALAMANCA, 1994, p. 6).



Nesse sentido, a formulação de políticas públicas da educação inclusiva, ou seja, um paradigma educacional que se concentra nas potencialidades de cada criança, permitindo-lhes através deste a integração social.

No Brasil sinalizamos o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que dispõe sobre a proteção da criança e do adolescente, conforme aponta o artigo 3º que assegura o respeito aos direitos individuais e coletivos, ratificando o princípio de inclusão. (BRASIL, 1990).

Em 1990 o Brasil participou da Conferência Mundial sobre Educação para Todos na Tailândia, ficando responsável pela garantia da universalização da educação no qual desencadeou no Plano Decenal de Educação para Todos em 1993.

Em 1994 publicou-se a Política Nacional de Educação Especial que condiciona o acesso às classes comuns os educandos que: "(...) possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais". (p.19) Esse documento não propõe uma reformulação nas práticas segregacionistas, porém reforça a exclusão e a responsabilidade da escola especial à educação desses alunos.

Outro marco regulatório que dispõe sobre a Educação Inclusiva trata-se da Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB 9.394/96, em seu art. 59, no qual determina que a educação especial atende aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Em 1999 a Convenção de Guatemala propôs uma nova concepção das pessoas com necessidades educativas especiais entendendo conforme o Decreto nº 3.956/2001 que:

"(...) as pessoas com deficiências têm o mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência, toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais." (BRASIL,2001)

Assim, esse Decreto reconhece os direitos universais dos cidadãos, garantindo no âmbito educacional em consonância da Resolução CNE/CP nº 1/2002 a Formação de Profissionais da Educação Básica, o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Lei nº10.436/02) afim do fortalecimento de práticas inclusivas no que tangem a eliminação de barreiras que impedem o acesso à escolarização.

O Ministério da Educação (2003) cria o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, com o propósito de mudar o paradigma de educação, promovendo o acesso e garantindo a permanência, retirando as barreiras arquitetônicas, superando as barreiras atitudinais, permitindo a apropriação dos conhecimentos escolares, promovendo a formação de gestores e educadores, possibilitando o acesso a serviços especializados e de apoio de forma que possa esta mediando esses saberes (ensino regular x especializado).

Com essa perspectiva, em 2004 o Ministério Público Federal divulga o documento



“O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas Comuns da Rede Regular” com o propósito de divulgar os conceitos e diretrizes para a inclusão no qual permeia o “direito de todos a educação”.

Desse modo, o Programa Brasil Acessível é implementado nos moldes da inclusão social e educacional, promovendo e garantindo a acessibilidade da pessoa com deficiência ou com mobilidades reduzida, Decreto nº 5.296/04 que regulamenta as leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00.

No ano de 2007 surgiu o PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) que tem como eixo a acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares, que reafirma a importância da implantação de sala de recursos e a formação docente para o atendimento educacional especializado.

Diante o exposto o PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) postula:

“Contrariando a concepção sistêmica da transversalidade da educação especial nos diferentes níveis, etapas e modalidades de ensino, a educação não se estruturou na perspectiva da inclusão e do atendimento às necessidades educativas especiais, limitando, o cumprimento do princípio constitucional que prevê a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e continuidade nos níveis mais elevados de ensino” (BRASIL, 2007)

Entretanto, é perceptível durante a explanação dos marcos históricos sobre a educação especial a importância dos movimentos sociais na criação, legitimação de leis no que cerne a educação especial. É nesse sentido, o de superar paradigma tradicionais de educação que se desenvolve esse projeto, com o objetivo de estabelecer relações pessoais mais humanas e solidárias, reafirmando espaços de mudanças cada vez mais humanistas.

Contudo, esse rompimento desses moldes de educação precisa acontecer na escola com intervenções contemple desde a infraestrutura física até a sala de aula por meio de formação de professores, tornando efetivo o processo de inclusão.

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que concerne aos aspectos metodológicos deste trabalho se deve a pesquisa bibliográfica, com a contribuição de autores e material disponibilizado sobre alunos com deficiência, educação inclusiva e legislação vigente bem como retomou no decorrer da pesquisa os assuntos relacionados a políticas públicas de educação, com breve histórico da inclusão e o papel do professor com indispensável neste processo.

Buscando fortalecer e nortear o trabalho pedagógico na comunidade escolar, e visando favorecer condições e possibilidades para efetivação de uma escola para todos inclusiva. Diversas ações podem e devem ser realizadas dentro do contexto educacional para que se desenvolva a empatia, tendo o respeito como prioridade para a convivência entre os seres



que compõem o ambiente escolar. Nesse sentido, é necessário construir uma política de igualdade com seriedade e responsabilidade, possibilitando ações significativas e de qualidade na prática de educação inclusiva.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho representa um compromisso profundo e abrangente com a construção de um sistema educacional que seja verdadeiramente inclusivo, equitativo e capaz de atender às necessidades planejadas de nossa sociedade. A inclusão não é apenas uma estratégia educacional é um compromisso fundamental, e ao considerar e valorizar a diversidade presente em nossas escolas, estamos promovendo um ambiente que estimula o respeito mútuo, a compreensão e a construção de uma sociedade mais justa.

Reconhecemos que a inclusão é um processo dinâmico que requer aprendizado contínuo e adaptação constante. Com isso, este estudo não se limita a adaptar o sistema educacional às necessidades dos alunos, ele aspira uma transformação mais profunda buscando não apenas abordagem de salas de aula acessíveis, mas também mudar a mentalidade e as práticas que moldam o processo educativo, proporcionando uma aprendizagem significativa para todos.

Para finalizar, registramos que a jornada rumo à inclusão integral na educação é contínua, ao promover a inclusão, buscamos não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também o crescimento integral dos indivíduos. Queremos que cada estudante se sinta valorizado, apoiado e preparado para contribuir de maneira significativa para a sociedade. No entanto, estamos confiantes de que, ao trabalharmos em conjunto e com dedicação, podemos criar um legado duradouro de equidade e oportunidade para todos os educandos.

*Entretanto, é perceptível durante a explanação dos marcos históricos sobre a educação especial a importância dos movimentos sociais na criação, legitimação de leis no que cerne a educação especial. É nesse sentido, o de superar paradigma tradicionais de educação que se desenvolve esse projeto, com o objetivo de estabelecer relações pessoais mais humanas e solidárias, reafirmando espaços de mudanças cada vez mais humanistas.*

- BRASIL **Lei nº 4.024 de 20 de Dezembro de 1996**. Institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Diário Oficial da União - Seção 1 - 27/12/1961, Página 11429 (Publicação Original). Coleção de Leis do Brasil - 1961, Página 51 Vol. 7 (Publicação Original)
- BRASIL. **Lei nº. 5.692 DE 11 de Agosto de 1971**. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1 e 2 graus e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/>. Acesso dia 01/11/23.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do adolescente. Lei 8.069/90**, de 13 de julho de 1990.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de Ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.
- BRASIL. **Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001**. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Guatemala, 2001a.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial**. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1994.
- BRASIL. **Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 3 dez. 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. Brasília, DF: MEC, 2007a.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Projeto Escola Viva: **Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais**, Brasília: MEC/SEESP, 2000, vol. 6.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 2004.
- MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade**. In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- PAN, Mirian Aparecida Graciano de Souza. **O direito à diferença: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva**. Curitiba: IBPEX, 2008.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 5.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.
- STAINBACK, S. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

---

#### COMO CITAR

J SILVA, José Arinan de Melo et al. Inclusão Integral : Caminho para uma Educação Justa e igualitária para Todos. In: **Sala de Recursos Revista**. Brasília, v. 5, n. 1, p., jan. - dez., 2023. Disponível em: <<https://saladerecursos.com.br>>. Acesso em:



# Artigo

## DUPLA EXCEPCIONALIDADE – O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO RACHEL SOUZA RABELO





# Resenha Crítica

Análise Crítica e Reflexiva do Filme

"Temple Grandin" (2010)

Doutoranda: Bárbara Pereira de Alencar da Rocha



## Ficha Técnica do Filme "Temple Grandin"

Título Original: Temple Grandin

Ano de Lançamento: 2010

País de Origem: Estados Unidos

Gênero: Biografia, Drama

Duração: 108 minutos

Direção: Mick Jackson

Roteiro: Christopher Monger e William Merritt Johnson

Produção: Scott Ferguson

Produtora: HBO Films

Distribuição: HBO

Trilha Sonora: Alex Wurman

Fotografia: Ivan Strasburg

Edição: Leo Trombetta

## Elenco Principal

**Claire Danes** como Temple Grandin

**Julia Ormond** como Eustacia Grandin (mãe de Temple)

**David Strathairn** como Dr. Carlock (professor e mentor de Temple)

**Catherine O'Hara** como Tia Ann

## Classificação Indicativa

Classificação Etária: 12 anos

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 5, n. 1, jan. - jun., 2024.

Disponível em: <[www.saladerecursos.com.br](http://www.saladerecursos.com.br)>

leia



ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA DO FILME  
"TEMPLE GRANDIN" (2010)  
DOUTORANDA: BÁRBARA ALENCAR

## 1. INTRODUÇÃO

O presente texto trata de uma análise do filme "Temple Grandin" que apresenta um panorama do autismo a partir da experiência singular de vida da protagonista. Ela também lançou um livro, autobiográfico em colaboração com um jornalista, que chamou muita atenção no ano de 1986: *Emergence: labeled autistic*, no qual ela descreve com franqueza, minuciosidade, consistência e uma espécie de entendimento real das situações que ocorrem na sua própria vida como autista. O filme descreve a trajetória de uma pessoa com autismo no enfrentamento de barreiras cotidianas em uma época em que esta condição ainda era muito pouco conhecida. Tomaremos alguns recortes do filme para nos apoiar e organizar uma relação entre os marcos históricos e legais da educação especial no Brasil no que concerne às legislações relevantes e em dados atuais da literatura para discutir pontos referentes ao autismo.

Oferece condições, entre outras, para uma discussão sobre as especificidades e perspectivas futuras dos diagnósticos categóricos e dimensionais no autismo, bem como as persistentes confusões com nomenclaturas. Podemos, ainda, rever a noção historicamente construída da pessoa com autismo como extremamente inteligente ou totalmente incapaz, inclusive dar margem para desconstruir este estereótipo a partir do entendimento destas habilidades sob o escopo de teorias cognitivas que as definem como partes de um estilo cognitivo diferente. Também aborda em diferentes situações as alterações sensoriais

figura 1: Foto da autora



**Bárbara Pereira de Alencar da Rocha:** Doutoranda do PÓS-LIT-UNB, mestre em Educação – FE/UNB, especialista em Educação de Surdos pelo IESCO/GO. Professora de classe bilíngue e Guia-intérprete da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal:

- e-mail: [bambialencar@yahoo.com.br](mailto:bambialencar@yahoo.com.br)/ [barbitaalencar@gmail.com](mailto:barbitaalencar@gmail.com),
- Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1593472119491222>
- Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3806-2330>

Fonte: arquivo pessoal

presentes. Também aborda em diferentes situações as alterações sensoriais presentes no autismo, as quais impulsionam Temple a desenvolver a máquina do abraço para auxiliar pessoas como ela a lidar com dificuldades interpessoais, que muitas vezes são confundidas com inexpressão afetiva. Por fim, consegue fazer correlações entre a qualidade da educação escolar e do apoio familiar e o autismo. Temple Grandin a princípio, pode ser considerado por alguns como apenas mais um filme de superação como tantos outros, entretanto o roteiro é caprichado, além de possuir um bom quarteto de atores (Claire Danes, Julia Ormond, Catherine O'hara e David Strathairn) e a direção de Mick Jackson, o premiado diretor do filme "O Guarda Costas", com a Whitney Houston e Kevin Costner, desse modo, consegue dissipar essa impressão daqueles que o assistem.

Na edição de 2010 do Emmy, equivalente ao Oscar da televisão americana, esse filme ganhou os prêmios de melhor telefilme, diretor, atriz (Danes), atriz coadjuvante (Ormond) e ator coadjuvante (Strathairn).

O filme narra a inspiradora trajetória de Temple Grandin, uma mulher autista que superou inúmeros desafios para se tornar uma cientista reconhecida na área de manejo animal. Desde jovem, enfrentou dificuldades significativas de socialização e comunicação. No entanto, com o apoio da mãe, professores e mentores, conseguiu concluir os estudos, além de revolucionar a indústria agropecuária com suas inovações humanitárias. O filme destaca momentos cruciais da vida escolar, mostrando os obstáculos que Temple precisou transpor para ser aceita e compreendida em um sistema educacional, que, às vezes, despreparado não sabe lidar com as necessidades de pessoas com autismo.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Esse longa-metragem retrata em uma cinebiografia a vida de Mary Temple Grandin que não desenvolveu a fala até os quatro anos de idade, o que levou sua mãe, interpretada pela atriz Julia Ormond, a procurar avaliação psiquiátrica e receber, na década de 1950, o diagnóstico de autismo.

Temple Grandin, nasceu na cidade de Boston, no dia 29 de agosto de 1947. Tornou-se uma psicóloga e respeitada zootecnista americana autista que revolucionou as práticas para o tratamento racional de animais vivos em fazendas e abatedouros. O bacharelado em Psicologia foi obtido pelo Franklin Pierce College e o mestrado em Zootecnia feito na Universidade Estadual do Arizona. É Ph.D. em Zootecnia, desde 1989, pela Universidade de Illinois, atualmente ministra cursos na Universidade Estadual do Colorado a respeito de comportamento de rebanhos e projetos de instalação, além de prestar consultoria para a indústria pecuária em manejo, instalações e cuidado de animais. Ela é bem-sucedida e tem um status célebre de profissional americana autista, também, é altamente respeitada no segmento de manejo na pecuária.

O longa-metragem retrata a vida dessa pessoa com autismo, Temple Grandin. Sua mãe quando recebe o diagnóstico de autismo fica impactada com a notícia, principalmente, depois de receber explicações de que essa desordem teria sido ocasionada por restrições afetivas de

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 5, n. 1, jan. - jun., 2024.

Disponível em: <[www.saladerecursos.com.br](http://www.saladerecursos.com.br)>



sua parte. Importante ressaltar que o filme mostra como sua mãe, Anna Eustacia Purves, a despeito da recomendação médica de interná-la em uma instituição psiquiátrica, insistiu em proporcionar-lhe educação formal. A mãe não se intimida e a estimula precoce e intensivamente. Posteriormente conduzida à escola é auxiliada por um sensível professor até a conclusão do ensino médio. O filme mostra quando sua mãe a leva para visitar a fazenda de sua tia Ann no Arizona em 1966, ali Temple inicia seu primeiro contato com animais, que influenciariam sua vida e carreira. Diante do brete usado para contenção de bovinos, ela se inspirou e construiu um aparelho para seu próprio uso com a finalidade de se refugiar nos frequentes ataques de pânico que sempre sofria.

A história revela como sua mãe tinha o intuito de integrar a jovem, resolveu levá-la ao campo, pensando que o contato com os animais poderia ocasionar algum alívio aos desconfortos decorrentes do transtorno do espectro autista na cidade. Assim, neste lugar, Grandin mesmo se apresentando um tanto arredia com as pessoas em sua volta, começa a observar e se interessar pelo modo como os trabalhadores lidam com a criação do gado na fazenda: desde a alimentação até o abate.

Nessa época na fazenda da tia, ela inicia o que seria o foco de sua atenção, algo comum aos autistas, um interesse por bovinos e tenta compreender as peculiaridades e os comportamentos desses animais, especialmente, como eles se mostram calmos ao serem imobilizados para receberem vacinas.

A partir dessa experiência, ela idealiza e constroi a máquina do abraço, um dispositivo semelhante que a pressiona e imobiliza, gerando uma sensação de tranquilidade que aplaca as crises de ansiedade decorrentes da sua inabilidade no relacionamento social. Foi nessa fazenda que ela despertou seu interesse profissional futuro ao projetar equipamentos e instalações para a pecuária. Todos os corredores e currais que desenha são redondos, pois o gado tem mais facilidade em seguir um caminho curvo, já que ao não ver o que há no fim do caminho, fica menos assustado; ela descobriu que o desenho curvo aproveitava o comportamento natural do animal. Ela também usou essa descoberta para fazer uma analogia com as crianças autistas, e em suas palestras diz que é preciso agir do mesmo modo, isto é, trabalhando a favor delas, ajudando-as a descobrir e desenvolver seus talentos ocultos. Escreveu mais de 400 artigos publicados em revistas científicas e periódicos especializados, tratando de manejo de rebanho, instalações e cuidados dos animais.

Seus familiares percebem suas notáveis habilidades, ao que é pressionada para seguir os estudos na universidade, iniciando uma trajetória marcada por intensas dificuldades no ambiente acadêmico. Temple Grandin possui uma inteligência incomum, tendo facilidade intrínseca para lidar com áreas que envolvam planejamento, aritmética e geometria. Seu professor de Ciências, o Dr. Carlock, percebe em Temple um talento especial em pensar a partir de imagens e com elas fazer as conexões necessárias para compreender o que se passa e o que a cerca. Desse modo ele a encoraja e incentiva para prosseguir estudando e tentar prosseguir na educação e entrar em uma universidade.

Durante o filme é possível perceber que o modo diferenciado de ver e entender o mundo a obriga a desenvolver estratégias para superar obstáculos até concluir seu PhD em engenharia



agropecuária, quando revoluciona os métodos de manejo do gado e torna-se uma respeitada especialista no assunto. Atualmente a Dra. Temple Grandin é professora na Universidade do Estado do Colorado (EUA) e autora de diversos livros em que explica as especificidades do autismo a partir de suas vivências pessoais.

A respeito disso Mantoan ressalta que:

Não há mais como recusar, negar, desvalidar a inclusão na sociedade brasileira e no cenário internacional. Resta-nos, pois, reconhecer qual é o sentido da diferença que está na base das ações inclusivas: a diferença como padrão produzido pelos que procuram se afirmar pela diferença para manter a estabilidade de sua identificação a um grupo qualquer? A diferença que celebra atributos que fazem de alguns os diferentes? A diferença como argumento pelo qual se coloca em questão a sua produção social como um valor discriminador, negativo, marginalizante?

Um ponto de partida significativo no Brasil foi a Constituição Federal de 1988, que assegurou o direito à educação para todos, incluindo pessoas com deficiência. Esse princípio foi reforçado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º 9.394/1996, que estabelece a necessidade de atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino.

Pensando na história de Temple Grandin podemos relacioná-la, também, com alguns marcos históricos e legais da educação especial para a inclusão com a adoção da “Declaração de Salamanca” (1994) que veio mostrar essa necessidade da inclusão se fazer presente nas instituições da sociedade, tendo seu apelo, sido efetivado, principalmente no ambiente de escolarização. Desde essa publicação o Brasil tem avançado consideravelmente nas últimas décadas em termos de políticas públicas para a inclusão de pessoas com deficiência no sistema educacional. Pois, a inclusão garante direitos e promove a aprendizagem, estimulando a autonomia e a independência das pessoas com deficiência em todas as fases da vida.

Dessa forma, o Brasil estabeleceu na “Meta 4 do Plano Nacional de Educação” com o objetivo de universalizar para a população de 4 a 17 anos com deficiência o acesso à educação consoante ao modelo de inclusão. Essa abordagem prioriza o direito de todos os estudantes frequentarem as salas regulares, combatendo qualquer discriminação. Além disso, a meta prevê espaços de atendimento educacional especializado (AEE), como medida

<sup>1</sup> MANTOAN, M. T. E. R. Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições. *Inclusão Social*, v. 10, n. 2, 2017.

<sup>2</sup> Refere-se a uma Estrutura de Ação em Educação Especial adotada pela conferência Mundial em Educação Especial organizada pelo governo da Espanha em cooperação com a UNESCO, realizada em Salamanca entre 7 e 10 de junho de 1994. Seu objetivo foi informar sobre políticas e guias de ações governamentais, de organizações internacionais ou agências nacionais de auxílio, organizações não governamentais e outras instituições na implementação da Declaração de Salamanca sobre princípios, Política e prática em Educação Especial.



complementar e não substitutiva da sala de aula comum, que podem ser frequentados pelos estudantes com deficiência no contraturno. O AEE tem por objetivo identificar demandas específicas e elaborar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras existentes, garantido a inclusão e autonomia dos estudantes.

Outro marco importante, no Brasil se deu com a Política Nacional de Educação Especial, direcionada principalmente, na Perspectiva da Educação Inclusiva, instituída pelo Ministério da Educação em 2008, que promove a inclusão de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular. Além disso, o Decreto n.º 7.611/2011 reforçou a organização dos serviços de educação especial, garantindo a oferta de atendimento educacional especializado complementar ou suplementar ao ensino regular.

Érika Lourenço enfatiza a importância da transformação pela possibilidade da educação inclusiva, ela diz que,

Estamos vivendo um momento da história da educação brasileira no qual, mais uma vez, a escola se vê diante da necessidade de se transformar. Com as discussões sobre direitos humanos, inclusão social e educação inclusiva, que perpassam os movimentos sociais e as políticas públicas, torna-se cada vez mais impossível considerar a escola meramente como lugar de transmissão de conhecimento. Nesse cenário não podemos mais deixar de refletir a respeito do papel da escola na formação integral do aluno, na formação para a cidadania, na formação para uma sociedade sem preconceitos e na formação para uma sociedade no qual os direitos fundamentais de todas as pessoas sejam respeitados. Não podemos também deixar de pensar como construir uma escola que se fundamente no respeito à diversidade e se configure verdadeiramente como uma escola inclusiva.

*“Um ponto de partida significativo no Brasil foi a Constituição Federal de 1988, que assegurou o direito à educação para todos, incluindo pessoas com deficiência. Esse princípio foi reforçado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º 9.394/1996, que estabelece a necessidade de atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino”*

*Barbara Alencar*

<sup>3</sup> LOURENÇO, Érika. Conceitos e práticas para refletir sobre a educação inclusiva. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ouro Preto, MG: UFOP, 2010.

O filme "Temple Grandin" ilustra bem a importância desse pensamento e dessas políticas. A protagonista, com apoio de seus professores e adaptações específicas, pôde desenvolver suas habilidades únicas. Isso reflete a necessidade de um sistema educacional que reconheça e valorize as diferenças individuais, fornecendo os recursos e apoios necessários para que todos os alunos possam atingir seu potencial máximo. No Brasil, a inclusão de estudantes como Temple depende da implementação eficaz dessas políticas e da capacitação contínua de educadores para lidar com a diversidade na sala de aula. Corroborando com isso, Márcia Denise Pletsch, reflete que,

[...] precisamos ampliar o debate tão centrado nas políticas de educação inclusiva, políticas que garantam, de fato e de direito, o acesso de todos os alunos com e sem deficiências aos processos de ensino e aprendizagem para uma vida cidadã de forma a universalizar as riquezas sociais e culturais existentes. Analisar de forma relacional, tais aspectos, poderá contribuir, sobremaneira, para mudar as condições históricas de exclusão do acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade. No caso dos sujeitos com comprometimentos graves a garantia de intervenções pedagógicas precoces, assim como o oferecimento de uma rede de apoio estruturada poderá possibilitar-lhes interações sociais e educacionais que promovam um maior desenvolvimento

figura 2: Temple Grandin



Photo by Rosalie Winard

Fonte: <https://beefpoint.com.br/como-os-projetos-da-temple-grandin-reformaram-a-industria-de-carnes/>

<sup>4</sup> PLETSCHE, M. D. Educação Especial e inclusão escolar: políticas, práticas curriculares e processos de ensino e aprendizagem. Revista Poiesis Pedagógica, Catalão/GO, v. 12, nº 1, p. 7-26, 2014.

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 5, n. 1, jan. - jun., 2024.

Disponível em: <[www.saladerecursos.com.br](http://www.saladerecursos.com.br)>

"Temple Grandin" é um filme que inspira e provoca reflexões profundas sobre a importância da educação inclusiva. Ele mostra que, com o suporte adequado, as barreiras podem ser superadas e que a inclusão não é apenas um direito, mas uma necessidade para o desenvolvimento integral de todas as pessoas. No contexto brasileiro, embora os avanços sejam significativos, é essencial continuar a lutar por uma inclusão efetiva que vá além da simples presença física na escola. É necessário garantir que todos os alunos tenham acesso ao currículo, aos recursos e ao apoio necessários para aprender e prosperar.

Os marcos legais e históricos da educação especial no Brasil proporcionam um arcabouço importante para um projeto de educação inclusiva. No entanto, é crucial que esses direitos sejam efetivamente implementados e que as escolas estejam preparadas para atender às necessidades diversas dos alunos. A história de Temple Grandin reforça a importância de um olhar atento e sensível às potencialidades de cada indivíduo, mostrando que, com as adaptações e apoios necessários, a inclusão não apenas é possível, mas enriquece a todos, principalmente aqueles que convivem com a diferença e a diversidade das pessoas com deficiência.

#### 4.REFERÊNCIAS

- LOURENÇO, Érika. **Conceitos e práticas para refletir sobre a educação inclusiva**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ouro Preto, MG: UFOP, 2010.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições. **Inclusão Social**, v. 10, n. 2, 2017.
- PLETSCH, Márcia Denise. Educação Especial e inclusão escolar: políticas, práticas curriculares e processos de ensino e aprendizagem. **Revista Poíesis Pedagógica**, Catalão/GO, v. 12, nº 1, p. 7-26, 2014.

---

#### COMO CITAR

ROCHA, Bárbara Pereira de Alencar da. Análise Crítica e Reflexiva do Filme "Temple Grandin" (2010) In: **Sala de Recursos Revista**. Brasília, v. 5, n. 1, p., jan. - dez., 2023. Disponível em: <<https://saladerecursos.com.br>>. Acesso em:



# EXPERIÊNCIAS E ✓ PRÁTICAS

RELATO DE EXPERIÊNCIA

MINHA EXPERIÊNCIA/RELAÇÃO COM A ESCRITA

Nícolas Xavier da Silva

Autor e Escritor - Estudante da Rede Pública de Ensino do  
Distrito Federal. Pessoa com TEA







## MINHA EXPERIÊNCIA/RELAÇÃO COM A ESCRITA

### NÍCOLAS XAVIER DA SILVA

#### 1. QUEM É NÍCOLAS XAVIER DA SILVA

Conheça Nícolas Xavier da Silva, um jovem autor com diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista) e altas habilidades, aluno da rede pública de ensino do Distrito Federal. Desde cedo, Nícolas demonstrou uma imaginação singular e uma facilidade incrível para a escrita, transformando suas ideias em histórias ricas e instigantes. Com uma percepção sensível do mundo e uma mente criativa, ele encontra na escrita um meio poderoso para se expressar e compartilhar sua visão única, enriquecendo a vida de todos ao seu redor.

A leitura e a escrita desempenham um papel essencial na vida de qualquer estudante, permitindo que eles explorem novas perspectivas, desenvolvam o pensamento crítico e ampliem seu universo de conhecimentos. Para Nícolas, essas habilidades foram mais do que ferramentas acadêmicas: tornaram-se sua ponte para o mundo, uma forma de dar voz às suas ideias e de encontrar seu lugar na sociedade. Ele se tornou um exemplo de que todos, independentemente de seus desafios, podem cultivar suas paixões e contribuir de forma significativa para o mundo.

Sua trajetória como escritor é um testemunho inspirador da força da inclusão e do reconhecimento de talentos diversos, mostrando que cada indivíduo possui habilidades únicas e histórias que merecem ser celebradas e ouvidas.

figura 1: Foto da autor



Fonte: arquivo pessoal

**Nícolas Xavier da Silva**, nasceu em 29 de agosto de 2007, na cidade de Brazlândia-DF, filho de Sansão Barbosa da Silva e Lidiane Moacir Xavier da Silva. Desde aproximadamente os dois anos de idade, sua mãe percebia que seu desenvolvimento não estava adequado para sua idade. Após uma profunda investigação e vários exames, Nicolas foi diagnosticado com dupla excepcionalidade, TEA com ALTAS HABILIDADES. De acordo com os testes aplicados e com o parecer dos profissionais que o acompanhavam, as altas habilidades seriam na área de exatas, o que justificava a dificuldade na comunicação e alfabetização. Porém, ele surpreendeu a todos, e passou a se interessar pela leitura e escrita. Em 01/11/2023, realizou o sonho de lançar seu livro: *Astro Guardiões, A busca das dez fontes*. O lançamento foi no CED INCRA 08, escola em que estuda, atualmente cursa a 2ª Série do Ensino Médio. Entrou na rede pública no 6ºano, em 2019. Desde o início teve atendimento na sala de recursos e é acompanhado por ESV Acompanhamento médico e terapêutico desde os 7 anos de idade

Para aqueles que não me conhecem, meu nome é Nicolás, mas alguns também me conhecem e chamam de Nick, Nicolau, “Velho” Nicolás e por outros nomes; sou autor do livro independente de fantasia e ficção científica Astro Guardiões: A Busca das Dez Fontes, que havia publicado no dia 1 de Novembro de 2023.

Me pediram para eu fazer um relatório sobre minha experiência/relação com a escrita e, já vou adiantar, mesmo eu sendo considerado “inteligente”, não foi fácil de educar (em questão de estudo mesmo) e muito menos para ensinar a ler e escrever, por incrível que pareça. Agora, como eu escrevi um livro, sinceramente, só

Deus sabe. Também que eu não gostava muito de ler, desde os dez anos, que foi quando eu ganhei um computador, eu praticamente nunca mais saí de casa, só às vezes. Eu até lia gibis, mas ler um livro, principalmente sem ilustrações, não era minha praia. Mas não demorou muito para eu ter interesse em escrever.

Quando eu ainda estava no 5º ano do II Ensino Fundamental, eu havia ganhado um livro em quadrinhos chamado Homem-Cão:Desgovernado, de Dav Pilkey (curiosidade: era o segundo volume, só li o primeiro depois), vou confessar que era um livro meio bobo, como boa parte dos livros do autor em si – apesar que são bons para os jovens entrar na leitura, como foi meu caso – , mas me deu inspiração para escrever. Achava que o terceiro volume não existia, então, fiz minha versão, que tenho guardado até hoje. Mostrei para meus amigos e familiares e eles gostaram. Eu até pensei em vender, mas eu estaria roubando a ideia de outro escritor. Então, tinha que ter uma ideia original.

A minha primeira tentativa foi um livro chamado Gameverse, que nunca foi lançado, que, em resumo, era um história com vários personagens de videogame lutando contra seres desconhecidos. Nunca publiquei porque, eu mesmo percebi, que a ideia usava muitos personagens famosos, ou seja, seria contra as regras de copyright, semelhante ao caso anterior, então, nunca publiquei, mesmo tendo o livro.

Eu deixei o assunto intacto por algum tempo indeterminado. No máximo, juntava ideias e desenhos, que sempre ficavam – tirando os desenhos – incompletos para escrever uma história e sempre percebia que faltava alguma coisa. E acredite, se quiser, foi exatamente assim que a ideia para o meu primeiro livro veio. Eu estava tentando procurar uma ideia original, enquanto meus desenhos ficavam na minha cama para pensar, até que eu fiquei de pé. Olhei para os desenhos com a mão no queixo e pensei alto: “E se eu juntar tudo”. Só para você ter ideia, as ideias não tinham nada haver uma com a outra, com desenhos medievais, científicos e outros. Mas, apesar de maluco, era uma maneira para eu me satisfazer de uma coisa que notava em boa parte das histórias: eu achava elas limitadas de ideias, apesar de quase todas serem profundas, pois achava que certos personagens e cenários não combinavam uns com os outros caso alguém quisesse inserir, afinal, um exemplo, um cavaleiro participaria de um filme da Segunda Guerra Mundial? Eu acho que não. Ou seja, o público tinha poucas maneiras de reimaginar sua história e mundo. Então, eu fiz um mundo tanto lógico quanto não lógico onde vários mundos se misturavam. Durou dois anos para

## 2. ASTRO GUARDIÕES: A BUSCA DAS DEZ FONTE

Então, lancei esse primeiro livro que foi Astro Guardiões: A Busca das Dez Fonte, como disse no início. Vou dizer que penso em tornar esse livro em um livro editorial e com três volumes, mas são apenas ideias.

Uma coisa que acho interessante na escrita é como você acompanha os personagens, vendo-os crescer. Quando eu terminei de escrever o livro num domingo, confesso que deu vontade de chorar, pois parecia que via meus “filhos” crescerem. Parece algo besta, mas quem é escritor sabe do que eu estou falando. Pois você os desenvolve, cria empatia grande com eles, ver toda a jornada que passaram, para ser tudo finalizado na última página. Se for para descrever, a sensação seria semelhante a uma borda, o fim de tudo, como você morrer e saber que vai passar a eternidade no céu.

Outra parte que acho mágica nos livros é o poder da descrição. E, mesmo que alguns livros usem desse poder de maneira inadequada – principalmente neste século – não dá para negar sua eficácia. Vou dar um exemplo: “O garoto vê alguém ao longe, uma garota, que ao se virar, dava a sensação de ela estar bem na sua frente. Sentiu seu corpo queimar sutilmente feito um fogueira, o coração batia mais rápido com impulsos que quase saíam do peito, sua cabeça virava um emaranhado de linhas desorganizadas”. Você se sente na pele do personagem, e, mesmo que escrito de maneira exagerada comparado ao que ocorre na vida real, dá a sensação mais próxima do que um personagem sente. Se fosse apenas “o garoto ficou apaixonado”, seria muito artificial, como você ver alguém de longe, sem saber o que ele sente. Esse poder da descrição pode ser aplicado a aparência, cenários, cenas, cheiro, temperatura, dor ou benção, efeitos e vários outros (senão infinitos).

Os livros, diferente de filmes, séries e outras formas de mídia, tentam capturar o real, o fantasioso, o bem e o mal, a mente e o físico de maneira extraordinária. E não só isso; diferente da mídia, a pessoa sente, entende, ela necessita prestar atenção, levando uma empatia maior aos personagens, até mesmo os secundários e sem nome, como por exemplo, os proletoas de 1984 de George Orwell. Sem levar em conta que expande o cérebro. Quando comecei a ler mesmo, minha memória, senso crítico e meu vocabulário expandiram. Não é a toa que é a fórmula ridiculamente fácil para ser esperto – não estou me gabando, isto é um fato: ler deixa as pessoas mais espertas do que pensam.

Apesar de já ter publicado um livro, que já era o meu sonho, acredito que eu tenha um objetivo maior. Sabe, as pessoas não leem esses dias, dizem que não tem paciência para ler um livro pequeno, mas, quanto tempo as pessoas ficam vendo “vídeos curtos” no Instagram, Youtube ou até mesmo no Tik Tok? Como diz o ditado: “nos tornamos aquilo no que contemplamos”. Queremos ser a fama, a fortuna, o famoso, a moda da internet, ou, nem isso, só num grupo de amigos. Mesmo que soa aleatório o que digo, percebi que a mente humana, sinceramente, é muito ignorante. Por causa do excesso de eletrônicos, nossos cérebros ficaram fracos e sem empatia. A mídia nos fez pensar mais em nós, mas menos nos outros.



Está me acompanhando? Perfeito!

Eu uso celular e computador, é um vício que tento controlar a partir de vários hobbies, mas eu sinto que as pessoas...não, *certeza* que as pessoas abusam do uso. Não precisa apenas de celular ou de qualquer outro eletrônico para pensar assim, ruim e egoísta, política, fama, dinheiro, nós pensamos apenas no que é bom no mundo, e nunca olhamos o lado escuro. O homem foi à lua na Guerra Fria! A Lua! Algo que o ser humano achava impossível foi feito, porque? Porque ele quis! Porque você acha que não acabamos com a fome, a miséria, as guerras? Porque o ser humano ouve, não escuta, e muito, muito menos age. Por isso, também, não temos muitos avanços quanto antes.

E se você acha que eu estou exagerando, deixa eu te dar um exemplo de experiência própria. Ano passado, minha e outras turmas na escola, fomos assistir no auditório o filme *O Pastor e o Guerrilheiro*, que foi uma pré-estreia em boa parte das escolas. O filme era pesado, violento, mas também profundo, mostrando uma história real tanto na época do Regime Militar como no começo dos anos 2000. Mas qual era o problema? As pessoas ficavam conversando, muitas se cegando com o celular, tinha gente que brincava com o filme fazendo piada obscena, como gemendo numa cena de morte. No Maio Laranja deste ano, foi a mesma coisa. Tinha gente que nem ligava para o assunto de abuso infantil e nos vários relatos ditos até mesmo por vítimas ao vivo e muitas ficavam rindo. Eu tento ajudar as pessoas em sala, mesmo que eu soa grosseiro, pois é verdade! Mas a minha maior agonia é pensar que as pessoas nunca vão escutar, só ouvir. E acredite, tem grande diferença.

Com motivação, eu estou escrevendo a *Casa do Chapeleiro*, e não, não tem nada a haver com o Chapeleiro Maluco (afinal, como o termo “chapeleiro” é pouco usado, é fácil se lembrar do personagem em si). Não vou falar muito da narrativa, pois alguém pode roubar a ideia, mas se trata de um livro ergódico – não, não tem nada haver com gótico – que é um livro que pode ser lido de diferentes formas, os layouts e formas das palavras se bagunçam ou formam imagens, ou seja, tipo *Ulysses* ou *Casa de Folhas*. Na história, que terá cinco pontos de vista e um sexto em terceira pessoa, cada personagem mostrará suas qualidades, defeitos, traumas e problemas atuais. Eu tentarei argumentar mais sobre a moral e também sobre a religião, ambos lados que existem, ou pelo menos coexistem, a vários séculos.

Não sei se esse livro vai sair algum dia, eu planejo que sim. Mas, se for para prever uma data, eu não tenho certeza, é possível no ano que vem, 2025, ou no ano seguinte, pois é possível que seja um livro grande.

*“Uma coisa que acho interessante na escrita é como você acompanha os personagens, vendo-os crescer. Quando eu terminei de escrever o livro num domingo, confesso que deu vontade de chorar, pois parecia que via meus “filhos” crescerem. Parece algo besta, mas quem é escritor sabe do que eu estou falando...”*

*Nicolas Xavier da Silva*





Para finalizar, para entender meu raciocínio, vou deixar uma citação que o autor, George Orwell, após publicar 1984 –uma distopia que, em resumo, o Partido sempre fica vigiando você –, deixou antes de morrer.

*“No nosso mundo, não haverá quaisquer emoções, exceto o medo, a raiva, o triunfo, e o auto-rebaixamento [...] não haverá qualquer lealdade exceto a lealdade para com o Partido, mas sempre haverá a intoxicação pelo poder. Sempre, a todo o momento, haverá o entusiasmo da vitória, a sensação de espezinhar num inimigo que está indefeso. Se quer uma imagem uma imagem do futuro, imagine uma bota a espezinhar uma cara humana...para sempre!”*

(esse texto está presente no livro 1984) A moral, a ser retirada desta perigosa situação de pesadelo, é uma simples:

Não a deixes acontecer.

Depende de ti”

-George Orwell



# EXPERIÊNCIAS E ✓ PRÁTICAS

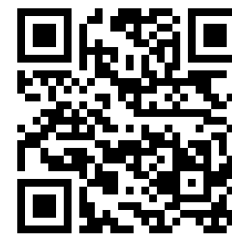
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alinne Costa Cavalcante Rezende

Doutorado em Biotecnologia e Biodiversidade da Amazônia  
(BIONORTE/INPA)







## EEVEE EVOLUTION: UMA ABORDAGEM DIDÁTICA E INCLUSIVA BASEADA NA TEORIA DE DARWIN Alinne Costa Cavalcante Rezende

### 1. INTRODUÇÃO

A Teoria da Evolução diz que a importância das características individuais ou suas variações é definida pelo ambiente, através do processo de seleção natural (SILVA; PIGNATA, 2016). Ensinar a teoria da evolução exige uma compreensão teórica mais aprofundada e transformar esse conteúdo mediante uma aula lúdica facilita o entendimento do estudante o tornando mais atrativo (Silva e Prestes, 2011; Silvia, 2013).

A educação de estudantes no espectro autista (TEA) requer métodos de ensino que respeitem suas necessidades e estilos de aprendizagem específicos. Materiais lúdicos, como jogos adaptados, são ferramentas valiosas ao promoverem a inclusão e o engajamento, facilitando a compreensão de conceitos complexos. Segundo Silva et, al; (2023 ), atividades lúdicas estimulam a motivação e a concentração de alunos com TEA), possibilitando que eles assimilem informações de maneira mais eficaz e significativa.

Além disso, o uso de jogos no ensino de alunos com TEA permite uma abordagem mais visual e interativa, que é essencial. Souza e Almeida (2018) destacam que a combinação de elementos visuais e atividades práticas pode melhorar a retenção de conhecimento e a aplicação prática dos conceitos aprendidos. No contexto do ensino de ciências, esse tipo de material lúdico não apenas facilita a compreensão, mas também promove a inclusão, ao garantir que todos os alunos, independentemente de suas necessidades, possam participar ativamente do processo de aprendizagem. Assim, o objetivo desse trabalho foi fazer um jogo de tabuleiro sobre evolução para uma estudante com o Transtorno do Espectro Autista do 9º Ano, Ensino Fundamental II que possui hiperfoco no mundo do pokémon e assim gerar conhecimento e socialização com os colegas da turma.

figura 1: Foto da autora



Fonte: arquivo pessoal

**Alinne Costa Cavalcante Rezende:** Bióloga e Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia, com ênfase em Palinologia, além de atuar como professora de Ciências na Escola Estadual Tenente Coronel Cândido José Mariano, pela SEDUC AM. Ao longo da minha carreira, me destaquei no desenvolvimento de materiais e atividades didáticas inovadoras, sempre adaptadas às necessidades de diversos perfis de estudantes, incluindo aqueles com necessidades especiais. Fui vencedora do concurso do Bosque da Ciência, promovido pelo Instituto de Pesquisa do Amazonas, com o melhor plano de aula, e também recebi uma menção honrosa no prêmio SEDUC-AM Professor de Práticas de Excelência.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9920098299708071>

No percorrer das aulas de ciências, foi observado o hiperfoco de uma aluna autista estudante do 9º Ano, ensino fundamental II, na escola Estadual Leopoldo Neves em Manaus-AM. Em algumas aulas a aluna fazia comparações dos conteúdos com os personagens do desenho animado Pokémon. Assim, a fim de unir o aprendizado com o seu hiperfoco, foi analisado os conteúdos de ciência sendo observado que evolução por ser um assunto mais complexo poderia ser abordado de outra forma para a aluna. Para facilitar o seu entendimento sobre o assunto, foi feito Board game (jogo de tabuleiro) sobre evolução relacionado ao mundo pokémon juntamente com a teoria de Darwin. Para esse conteúdo o mundo pokémon se torna aplicável didaticamente por abordar conceitos de evolução que adaptado pode auxiliar nesse conteúdo.

No jogo, inspirado pela teoria da evolução de Charles Darwin, as mudanças nas espécies ocorrem em resposta ao ambiente. A personagem Eevee é capaz de evoluir de diferentes maneiras, dependendo das condições ao seu redor. No jogo, os jogadores precisam coletar três cartas do mesmo tipo para evoluir e pegar um Token de evolução, que simboliza essa adaptação. Assim como na natureza, onde as variações vantajosas são selecionadas, os jogadores que melhor se adaptam ao ambiente das cartas avançam no HMS Beagle, o navio de expedições utilizado por Darwin, refletindo o progresso evolutivo.

O jogo foi concebido como uma ferramenta lúdica e interativa para ensinar os conceitos da teoria de Darwin, especialmente adaptação e seleção natural, a uma estudante com espectro autista. O objetivo central foi criar uma experiência acessível e significativa que permitisse à aluna compreender como as espécies mudam ao longo do tempo em resposta às pressões do ambiente. Cada etapa do jogo foi projetada para ser clara e envolvente, facilitando a assimilação dos conceitos evolutivos por meio de ações concretas, como a combinação de cartas.

Durante a fase de criação, a inspiração principal veio da variedade de evoluções possíveis da personagem Eevee, que, assim como os seres vivos na natureza, pode evoluir de diferentes maneiras de acordo com o ambiente. O desenvolvimento do jogo incluiu cartas que representavam características evolutivas, ambientes e desafios que reforçam os princípios da seleção natural. O jogo foi pensado para ser uma ferramenta educativa dinâmica, permitindo que a teoria da evolução fosse visualizada de forma prática e integrada ao cotidiano da aluna, facilitando o aprendizado.

A parte física do jogo foi feito com imagens geradas por I.A (Inteligência Artificial) pelo site gratuito Bing image criator, com regras que abordavam evolução. O material foi impresso em duas cópias, sendo uma delas entregue à estudante com TEA, enquanto a outra foi utilizada para demonstrar o uso pedagógico do jogo em sala de aula (Figura 1,2,3)

O jogo foi apresentado para a secretaria de Educação/SEDUC-AM onde a própria aluna apresentou com muita desenvoltura e animação as regras do jogo para os convidados (Figura 4).





## 3. FIGURAS

Figura: 2, 3, 4



Fonte: arquivo pessoal



Figura: 4



Fonte: arquivo pessoal

O uso do Board Game revela-se bem sucedido no contexto educacional de alunos do espectro autista. O jogo atendeu a necessidade individual da aluna, não apenas facilitando a compreensão de conceitos, mas também promoveu habilidades sociais, comunicação e interação interpessoal e ainda proporcionou uma sensação de previsibilidade e segurança que reduz a ansiedade e o estresse que podem estar associados ao aprendizado tradicional.

Essa abordagem também promoveu a inclusão da aluna no ambiente escolar, permitindo que ela participasse de atividades educativas de maneira significativa e alinhada ao seu estilo de aprendizagem. Ao adaptar o conteúdo para um formato que respeitasse suas particularidades, o Board Game não apenas auxiliou no entendimento da matéria, mas também garantiu que a aluna se sentisse valorizada e integrada ao processo educacional. Isso reforça a importância de estratégias pedagógicas inclusivas que considerem as diversas necessidades dos estudantes, criando um ambiente de aprendizagem mais justo e acessível para todos.

*Assim, a fim de unir o aprendizado com o seu hiperfoco, foi analisado os conteúdos de ciência sendo observado que evolução por ser um assunto mais complexo poderia ser abordado de outra forma para a aluna. Para facilitar o seu entendimento sobre o assunto, foi feito Board game (jogo de tabuleiro) sobre evolução relacionado ao mundo pokémon juntamente com a teoria de Darwin.*

*Para esse conteúdo o mundo pokémon se torna aplicável didaticamente por abordar conceitos de evolução que adaptado pode auxiliar nesse conteúdo.*

*Alinne Costa Cavalcante Rezende*

### 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGURA 5: Regras do Jogo

DA SILVA<sup>1</sup>, Tatiana Tavares; PRESTES, Maria Elice Brzezinski. **História da biologia no ensino: análise das concepções de alunos sobre os métodos científicos, através de episódios históricos de Charles Darwin**. 2011.

MARCONDES, F. K. et al. A puzzle used to teach the cardiac cycle. **Advances in physiology education, Rockville**, v. 39, n. 1, p. 27-31, 2015.

SILVA, Eliziane Moreira et al. A IMPORTÂNCIA DO ESTÍMULO NEUROPSICOMOTOR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO INTEGRATIVA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 11, p. 2202-2210, 2023.

SILVA, R. F.; PIGNATA, M. I. B. Charles Darwin e a teoria da evolução. In: 11º Congresso Pesquisa, Ensino e Extensão (11º CONPEEX). Anais.. Goiânia: Universidade Federal de Goiás-UFG, 2014.

SILVA, Tatiana Tavares da. **Darwin na sala de aula: replicação de experimentos históricos para auxiliar a compreensão da teoria evolutiva**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.





# PROCURANDO SEU ESTUDANTE

## NÓS TEM

## Acesse

UNIDADE ESCOLAR:

Professor:

Disciplina:

Turma:

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Aluno:



Instruções:

- Crie uma rotina diária de estudos.
- Preencha o cabeçalho completo.
- Leia, atentamente, as orientações e explicações do professor.
- Responda com calma, releia sua resposta.



1

IDENTIFIQUE OS DADOS DO GRÁFICO E RESPONDA .

Consumo de Pizza

Portuguesa  
14.3%

Calabresa  
23.8%

PIZZA

| Sabor      | Total |
|------------|-------|
| Calabresa  | 70    |
| Frango     | 50    |
| Lombinho   | 40    |
| Portuguesa | 30    |
| Italiana   | 20    |

b) Pinte com a cor com azul o sabor da pizza menos consumido

b) Qual o sabor de pizza que corresponde a 14,3% do consumo total?



calabresa



portuguesa



# O MATERIALS QUE AJUDEM O A SE DENSENVOLVER MELHOR?

## OS E É GRATUITO!

www.saladerecursos.com.br

UNIDADE ESCOLAR:

Professor:

Disciplina:

Turma:

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Aluno:



Instruções:

- Crie uma rotina diária de estudos.
- Preencha o cabeçalho completo.
- Leia, atentamente, as orientações e explicações do professor.
- Responda com calma, releia sua resposta.

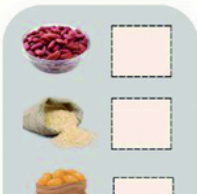
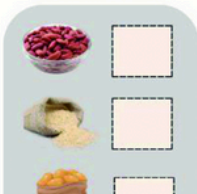
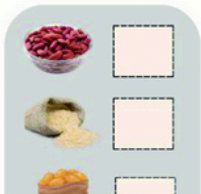


1 IDENTIFIQUE OS DADOS DO GRÁFICO E RESPONDA.

CONSUMO DE ARROZ - FEIJÃO - BATATAS EM GRAVATÁ



- a) Marque com um X o produto mais consumido durante o período de 2018 a 2022?
- b) Marque com um X o produto menos consumido durante o período de 2018 a 2022?
- c) Qual o produto teve o consumo de 150kg em 2022?



2 OBSERVE A FIGURA A ABAIXO E RESPONDA:

Produtos mais vendidos - porcentagem

Hamburguer



45%

produzidos 100 unidades  
vendidos 45 unidades

Açaí



81%

produzidos 100 unidades  
vendidos 81 unidades

Cachorro Quente



31%

produzidos 100 unidades  
vendidos 31 unidades

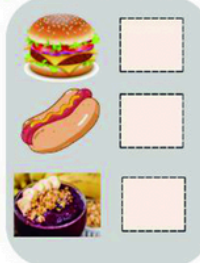
Batatas



51%

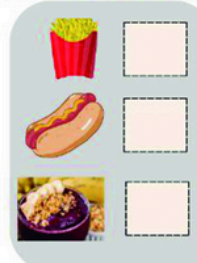
produzidos 100 unidades  
vendidos 51 unidades

a) Marque com um X o produto mais vendido?



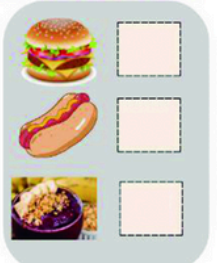
a) Quantas unidades foram vendidas do sanduiche?

b) Marque com um X o produto meno vendido?



a) Quantas unidades foram vendidas da açaí?

c) Qual o produto que obteve 31% de vendas?



a) Quantas unidades foram vendidas da batata?



